

CADERNO DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM DOCUMENTÁRIO:

O ALIMENTO DE DIVERSOS MUNDOS: UM DIÁLOGO
ENTRE OS POVOS TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA
E A SAÚDE COLETIVA



CADERNO DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM DOCUMENTÁRIO:

O ALIMENTO DE DIVERSOS MUNDOS: UM DIÁLOGO ENTRE OS POVOS TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA E A SAÚDE COLETIVA



Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela

Fundação Oswaldo Cruz.

Rio de Janeiro - RJ, 2023

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens é de suas autoras e autores.

Edição do caderno: Daniela da Silva Egger e José Pedro da Silva Neto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno de experiência de pesquisa em documentário [livro eletrônico] :
o alimento de diversos mundos : um diálogo entre os povos tradicionais de
matriz africana e a saúde coletiva / Marina Tarnowski Fasanello...[et al].
-- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2023.

PDF

Outros autores: Priscila Lessa Mello, Maria Aparecida da Silva Lessa,
Manoel Domingues. Bibliografia.

ISBN 978-65-00-84331-6

1. África - Condições sociais 2. África - Costumes 3. África - Cultura
4. Saúde coletiva 5. Segurança alimentar I. Fasanello, Marina Tarnowski.

II. Mello, Priscila Lessa.

III. Lessa, Maria Aparecida da Silva.

IV. Domingues, Manoel.

23-178268

CDD-361.050981

Índices para catálogo sistemático:

Segurança alimentar e nutricional : Bem-estar social 361.050981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



"A escrita é uma coisa e o saber outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem, a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer, e se encontra latente em tudo que nos transmitiram. Assim como um baobá já existe em potencial em sua semente".

Tierno Bokar

1 HAMPATÉ BÂ, Amadou. 'A tradição viva'. In: J. KI-ZERBO, História Geral da África – Metodologia e pré-história da África, Vol. 1. São Paulo/Paris, Ática/UNESCO: 1980.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ)

Presidente | Mario Moreira

Vice Presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde |
Hermano Albuquerque de Castro

Coordenação de Ambiente | Guilherme Franco Netto

FÓRUM NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DOS POVOS
TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA (FONSANPOTMA)

Coordenadora da Comissão de Ancestralidade | Virginia Lunalva Miranda de Sousa (Ìyá
Nalva de *Òsun*)

Coordenadora Nacional | Regina Barros Goulart Nogueira (Kota Mulanji)

EDIÇÃO DO CADERNO | Daniela da Silva Egger

Projeto Gráfico | Beatriz Cancian Silva

COORDENAÇÃO DO PROJETO | André Campos Búrigo
Daniela da Silva Egger
Edson Augusto Nogueira (Tata Edson)
Juliana Goulart Nogueira (Kitanji)

Gestão | Erica Tatiana Teles Da Silva
Esther Collazos
Gabriela Lobato

CURADORIA DE PESQUISA | Dra Denise Oliveira e Silva

COORDENAÇÃO FRENTE DE PESQUISA DOCUMENTÁRIO |

Marina Tarnowski Fasanello

Marcelo Firpo de Souza Porto

Maria Aparecida da Silva Lessa (Omọbinrin omi Lessa)

Manoel Domingues (Bàbá Odesi)

Equipe | Alessandra Silva De Oliveira (Alessandra de Xapana)

Ana Carolina Mendonça Pereira

Carlos Augusto da Silva Júnior

Edna dos Santos Andrade (Kota Lembarecimbe)

Gabriel do Amaral Batista

Gustavo Oliveira Fonseca

Herison Pedro Mateus de Souza

Hugo Chaves Monteiro

Isabela de Fátima do Lago Vieira

Janaína Ferreira do Nascimento

Jean Caldovino Mendes (Jean de Oxalá)

Jessica Marcele Gonçalves Alves

Lorena Portela Soares

Luana Gabriela Catarino (Makota Dandakamuxi)

Luis Carlos Fontes De Alencar Filho

Marcos Guilherme Da Costa Reis (Adèolá Marcos de Oxum)

Paula Monte Coutinho De Souza

Philyp Rodrigues (Bàbá Phil)

Renata Aguiar Rodrigues

Sarah Esli De Lima Souza

Silvana da Silva Santana De Almeida

Thallyson Rocha

Thayna Brasil Soares Silva (Thay de Obá)

Vladimir Pereira Seixas

AGRADECIMENTO

Esse projeto foi viabilizado através de Emendas Parlamentares de quatro mandatos de deputadas/os federais: Erika Kokay (PT/DF), Fernanda Melchionna (PSOL/RS), David Miranda (PDT/RJ) e Patrus Ananias (PT/MG).

Saudamos o compromisso desses mandatos com as pautas deste projeto.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
2. ENCONTROS E OFICINAS.....	13
2.1 - 1º Encontro de criação Co-labor-ativa:	
Saberes ancestrais e diálogos interculturais.....	14
2.1.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele.....	24
2.1.2 - Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela.....	26
2.2 - 1ª Oficina de Reconhecimento e Troca:	
Oralidade e Documentários nas Lutas Sociais.....	26
2.2.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele.....	35
2.2.2 - Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela.....	37
2.3 - 2º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa: Racismos.....	38
2.3.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele.....	48
2.3.2 - Relatoria gráfico-imagética por Gabriel Gabiru.....	50
2.4 - 2ª Oficina de Introdução ao Documentário e sua Discussão Estética.....	50
2.4.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele.....	57
2.4.2 - Relatoria gráfico-imagética por Gabriel Gabiru.....	58
2.5 - 3º Encontro de criação Co-labor-ativa: Alimento	59
2.5.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele.....	67
2.5.2 - Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela.....	70
3. OFICINAS DE ROTEIRIZAÇÃO.....	71
3.1 – Relatorias gráfico-imagética por Lorena Portela e Gabriel Gabiru.....	86
3.2 - Relatorias poético-musicais por Janaína Nascimento.....	89
4. DOCUMENTÁRIO.....	100
ANEXO 1: Lista de Encontros e Oficinas.....	101

Lista de siglas e abreviações

CEM - Centro de Integração na Serra da Misericórdia

ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

FONSANPOTMA - Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana

MSTB - Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB)

NEEPES - Núcleo de Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde

POTMA – Povos tradicionais de matriz africana

UTTs - Unidades Territoriais Tradicionais

1. INTRODUÇÃO



Detalhe de relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela

Esta publicação descreve os passos que tomou a frente de pesquisa “O alimento de diversos mundos: um diálogo entre os povos tradicionais de matriz africana e a saúde coletiva”, conduzido pelo Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepees/ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e pela coordenação de comunicação e a de ancestralidade do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (Fonsanpotma) no âmbito do projeto “Saúde coletiva e povos tradicionais de matriz africana para a promoção de segurança alimentar e nutricional”. Tais atividades tiveram de ocorrer no formato virtual, em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Importante ressaltarmos como esta foi uma experiência singular de criação de um documentário a partir de uma metodologia sensível co-labor-ativa¹ proposta pelo Neepees, assim como de diálogos e alinhamentos internos do movimento social a partir da metodologia bolo-bolo². Experiência essa, na qual a construção do roteiro do filme, assim como as filmagens, e edição foram realizados de forma colaborativa entre três grupos: a equipe do Neepees, somados à coletivos audiovisuais de territórios tradicionais de matriz africana em seis estados do Brasil e lideranças do Fonsanpotma e por fim, a produtora de audiovisual Couro de Rato (RJ).

Este trabalho está fundado em estudos, que reconhecem o documentário fruto de estratégias políticas e expressões artísticas que se cruzam dentro da luta social, enquanto processo de enfrentamento às narrativas hegemônicas e disseminadas pela grande mídia³, que silenciam as formas sociais de produção da não existência⁴. Uma não existência de modos de ser, de saberes e alternativas, de grupos

1 Fasanello MT, Nunes JA, Porto MF. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. RECIIS 12 (4), 2018. Ver em: <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1527>

2 (P.M.) WIDMER, Hans. Bolo'bolo. 1 ed. Trad Sonia Hirsch. Petrópolis RJ: Correcotia, 1986.

3 FASANELLO, M. T. O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: produção social de sentidos e epistemologias do Sul contra os agrotóxicos e pela agroecologia. Doutorado. Rio de Janeiro, ICICT, Fundação Oswaldo Cruz, 2018.

4 FANON, Frantz. Os condenados da terra. 2 ed. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

excluídos. Uma não existência ativamente produzida, por processos invisíveis e invisibilizadores de discriminação, como racismo.

Ou seja, a construção do documentário se ancorou nessa proposta do Neepes caminhando em uma convergência de princípios que movem os três grupos envolvidos nesta frente de pesquisa, ao buscarem – em seus meios específicos de atuação – a construção de narrativas outras, que façam parte de um processo de diálogos interculturais e ecologia de saberes entre os mesmos com seus diferentes sistemas de conhecimento, que se colocam para modificação de paradigmas sociais para construção de uma sociedade com equidade e sustentável e gerar conhecimento.

Os três grupos que compuseram a equipe possuem algumas linhas que conectam sua atuação. Poderíamos dizer, a defesa da vida de seres humanos e mais-que-humanos (forças da natureza, animais, plantas, divindades) ameaçados pelo modelo colonial a que estamos submetidos. Também, conectam-se pela luta contra o racismo, compreendido este enquanto um modo de perceber o mundo que busca a todo tempo o apagamento das diferenças, isto é, a destruição do outro, certo tipo predatório de universalismo. É no encontro entre esses interesses que em meio a diferenças, justamente, os três grupos se acharam na criação deste filme, fornecendo bases para construção de processos emancipatórios que enfrentem articuladamente o capitalismo, o colonialismo, o racismo e a violência que geram exclusões radicais.

Dentre os estados participantes estão incluídos os coletivos do Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, formados por pessoas integrantes de casas de axé, em sua maioria jovens e com alguma experiência prévia com o cinema ou outras produções audiovisuais.

Assim, buscamos fazer uma sistematização dos principais momentos de elaboração do documentário, tendo como foco inicial o processo de discussão conceitual para construção do argumento do documentário a partir de três sistemas de conhecimento, tradicional, acadêmico e artístico; a discussão estética do audiovisual; a roteirização; a edição e a finalização.

Antes das filmagens terem sido iniciadas efetivamente, foram

realizadas reuniões preparatórias com a equipe do Neepes, Couro de Rato e do Fonsampotma responsáveis pela produção do documentário com o intuito de criar uma metodologia de Encontros e Oficinas⁵, assim como de filmagem e edição do documentário. Totalizando mais de 15 momentos coletivos de formação, discussão e elaboração, fora os encontros menores da equipe de coordenação e outros. As sistematizações destes encontros seguirão explicitadas nas próximas páginas divididas em três partes, capítulo 2 - Encontros e Oficinas, capítulo 3 - Oficinas de Roteirização e capítulo 4 - Documentário, onde há o QRCODE, ou link público para o filme.

Esta publicação tomou como foco de análise esses momentos de discussões conceituais para criação do argumento, formação audiovisual, roteirização e edição colaborativa que tiveram de ocorrer de modo remoto durante o ano de 2021 inteiro e 2022 até abril, buscando dar ênfase às experiências, compartilhamentos, aproximações, distanciamentos e dificuldades nesta etapa da produção.

5 A lista completa de oficinas e encontros pode ser observada no ANEXO 1.

2. ENCONTROS E OFICINAS



A primeira etapa de nossa frente de pesquisa, pormenorizada abaixo em ordem cronológica, foi formativa e consistiu em cinco encontros em que foram discutidos alguns temas transversais a esta cooperação (Saberes ancestrais e diálogos interculturais; Oralidade e documentário nas lutas sociais; Racismos; Introdução ao Documentário e sua Discussão Estética; e Alimento).

2.1 - 1º Encontro de criação Co-labor-ativa: Saberes ancestrais e diálogos interculturais

O 1º Encontro de Criação Co-labor-ativa do Documentário Neepes/Fonsanpotma ocorreu no dia 16 de abril de 2021, após uma série de encontros preparatórios e de planejamento anteriores com a equipe de coordenação geral do projeto, e teve como tema central a discussão sobre os saberes ancestrais e os diálogos interculturais, onde estiveram presentes remotamente em torno de 30 pessoas.

A ementa formulada para este momento falava sobre a multiplicidade de experiências que atravessam os povos tradicionais de matriz africana na diáspora atlântica, e como tiveram de se recriar neste novo território em múltiplos sentidos; na reconstrução de memórias, relações sociais destruídas, e também na reativação de sua relação com o sagrado, que na experiência brasileira irá surgir. Por exemplo, na construção dos “terreiros”, “roças” e “casas de axé”, de umbanda, candomblé, encantaria, batuque, jurema e outras expressões das chamadas “religiões de matriz africana no Brasil”, mas que são territórios cujas relações e sentidos vão além da “espiritualidade” propriamente dita, sendo espaços de fortalecimento de um povo, ou melhor, povos, e de cultivo de saberes de ancestrais.

Contudo, esses saberes e práticas continuam hoje a ser continuamente perseguidos e aniquilados pela modernidade, o racismo e o modo capitalista de produção, os quais se encontram descentralizados e espalhados pelo mundo, ainda que sejam fruto e herdeiros da história e tradições europeias. Assim, muitas das lutas por dignidade dos povos pelo mundo também trazem em si o cultivar e recriar de suas conexões com esses conhecimentos, muitos dos quais falam justamente sobre

como sobreviver às forças mortíferas que caminham pelo mundo.

Nesse contexto, outra necessidade se faz presente, a de trazer aliados para essas lutas, sem, contudo, que seja necessário qualquer tipo de *conversão* destes, uma vez que este tipo de relação é também parte daquilo que se busca combater na construção de um mundo no qual o respeito pelas diferenças seja possível. Assim, a questão talvez seja o constante exercício de se construir processos tradutivos e conexões parciais⁶ entre mundos distantes que, entretanto, habitam uma mesma terra ameaçada. É nesse sentido que irão surgir núcleos como Neepes, espaços dentro da academia e do saber científico que buscam se abrir a povos indígenas, de matriz africana, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, movimentos sociais, mobilizando conceitos como o “diálogo intercultural” e a “ecologia de saberes”⁷, para aprender com essas lutas e fortalece-las, naquilo que for possível.

Buscando construir essas pontes, este primeiro encontro contou com as falas de Baba Odesi (Manoel Domingues), membro do Fonsanpotma/SP desde 2014, fundador do Ilê Asé Omi Orun Efon com sede em Embu-Guaçu/SP; e do professor doutor Marcelo Firpo Porto, coordenador do Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepes) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), e investigador associado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Alguns textos e filmes foram indicados previamente aos participantes, como a Cartilha: Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana⁸ publicada em 2016 pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) do Ministério da Justiça e Cidadania, que elabora sobre o marco conceitual dos povos tradicionais de matriz africana; o texto “O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira” de Muniz Sodré; e o artigo “O terreiro e a cidade:

6 STRATHERN, Marilyn. *Partial connections*. Rowman Altamira, 2005

7 Santos BSS. *O Fim do Império Cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018. Introdução: Por quê as epistemologias do Sul? Caminhos artesanais para futuros artesanais (p.19-43)

8 SILVA NETO, José Pedro da. *Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana: Caderno de Debates*. Ministério da Justiça e da Cidadania, SEPPPIR, PNUD/ONU. Brasília, DF, 2016.

ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa” de Ronaldo Sales Júnior. Também foram indicados dois filmes “Avatar” (2009) e “Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás” (1998).

Assim, como em todos os encontros seguintes, este primeiro também começava com uma *saudação tradicional*, a partir de um entendimento desses povos, de que se faz conexões com outras dimensões do humano e de uma metodologia propostas pelos pesquisadores envolvidos, em que processos sensíveis são iniciados a partir de uma clareza da intenção de cada participante. Neste caso, uma homenagem ao orixá do dia, segundo a tradição do candomblé. Se sexta-feira à Oxalá, se numa segunda-feira a saudação se dirigia a Exu, como foi o caso deste primeiro encontro. Lessa (Maria Aparecida da Silva Lessa), coordenadora desta frente pelo Fonsanpotma, saudou “o orixá dos caminhos, o início, o meio e fim de todo processo de criação”, pediu para que no projeto pudessem errar menos e acertar mais, com a consciência de que é às vezes, é “preciso que haja a desordem para que o equilíbrio se possa fazer”.

Marina Tarnowski Fasanello, coordenadora da frente pelo Neepe, após fazer uma apresentação da equipe, suas funções e objetivos daquele momento afirmou que o documentário buscaria integrar diferentes narrativas e conhecimentos e expressar os sempre possíveis e complexos encontros entre os conhecimentos tradicionais e uma ciência que esteja sensível a eles. Afirmou também que a oficina teria como objetivo principal promover um primeiro momento de sensibilização e reflexão aos saberes ancestrais de matriz africana e a discussão acerca dos diálogos interculturais, de modo a se compreender melhor a ideia de “territórios de matriz africana”, nos quais o aspecto “religioso” é apenas uma de suas facetas. Também falou sobre como todas essas questões envolvem também outros povos, como os povos indígenas, indagando-se sobre como podemos estabelecer pontes que possam conectá-los assim como presente, passado e futuro.

Antes da fala de Baba Odesi foi projetado um trecho do documentário “Atlântico Negro”, que mostra a conexão, passada, presente e atual entre povos da África e da diáspora africana no Brasil, particularmente a conexão entre os povos da Costa do Benin, na Nigéria

e seus descendentes na Bahia e no Maranhão⁹. Ressaltou que só poderia falar a partir da ancestralidade da qual faz parte, a ioruba, ainda que haja conexões nas diferenças entre ela e a matriz jeje, enfatizada no documentário, e cuja união se faz cada dia mais importante, sobretudo pelo contexto político em que nos encontramos. Sua fala ressalta uma característica desses povos que é a de não buscar como força primeira a homogeneização das identidades, mas na manutenção de suas diferenças, costurar alianças ou mesmo misturas, ainda que cuidadosas.

O filme traz a memória da escravização moderna capitalista, que arrastou de maneira forçada diversos povos da África para o continente americano. É dividida pela historiografia em quatro fases: o Ciclo da Guiné (século XVI) — quando o tráfico tinha origem nos portos do noroeste da África, como os de Senegal, Gâmbia e Guiné-Bissau; o Ciclo de Angola (século XVII até o fim do tráfico) quando foram trazidos africanos, sobretudo do sudoeste da África, e de onde a maior parte de escravizados foi trazida para o Brasil; e o Ciclo da Costa da Mina (século XVIII) — que traficou iorubas, jejes, minas, hauçás, tapas e bornus; e o Ciclo de Moçambique (a partir do século XIX).

O continente africano foi visto ao longo dos últimos séculos como a imagem da miséria, da guerra e do atraso, imagem esta que buscava justificar sua exploração, genocídio e exclusão e que teria obliterado a riqueza cultural e os conhecimentos desses povos.

Baba Odesi ressaltou como após o término do tráfico de escravos no Brasil em meados do século XIX, houve um movimento de *retornados* à África, seja de descendentes de escravizados ou de traficantes de escravos, da Bahia e Pernambuco, sobretudo, os chamados agudás. Chegados ao continente africano, alguns se deslocaram para o interior, voltando às suas comunidades de origem. Outros não conseguiram ser incorporados de forma plena naquela sociedade que já não era mais a mesma. Não tendo onde se incorporar, se transformaram numa etnia a parte, marginal ao sistema de clãs convencional, e aos poucos voltaram a se fortalecer com práticas culturais próprias como o Carnaval do

9 “Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás” (1998). Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=V1OqdhQItrI>. Acesso em 22/02/2022

Bonfim em Lagos.

Com o filme, Baba Odesi quis mostrar esses intercâmbios, que se transformam, mas persistem, como no caso de Pai Euclides da Casa Fanti Ashanti em São Luis no Maranhão, que grava uma mensagem a um sacerdote em África, o qual por sua vez recebe e compreende sua mensagem, um canto, uma chamada aos antepassados: “somos filhos da África, com um mesmo idioma, um mesmo conceito, mesmas atividades, que somos diferentes, mas principalmente africanos”.

Baba também falou sobre a noção de *ubuntu*, segundo a qual “uma árvore sozinha não faz uma floresta” e “eu sou porque nós somos”. Aqui é importante observarmos a existência de outras noções de pessoa que a do ocidente, que parte do pressuposto de que vivemos um mundo de indivíduos indivisíveis que então se relacionam. Em outras tradições, é da própria relação que se parte o olhar, no que poderíamos falar que, para esses povos, não existe indivíduo como assim entendemos. A ancestralidade permite que um viva através dos outros, tendo em si múltiplos sentidos e experiências temporais.

Neste território esses povos trazidos à força encontraram-se entre si e com os povos originários que já o habitavam. No candomblé e em outras tradições de matriz africana, houve uma mistura entre inúmeras tradições, assim como com os povos indígenas, que no candomblé e na umbanda são denominados como os *caboclos*, os *donos da terra*.

Ao mesmo tempo em que essas misturas foram ocorrendo, há toda uma multiplicidade de intensidades de como elas se deram, sempre buscando manter aquilo que há de *fundamento* e que, caso seja perdido, pode enfraquecer determinado povo. Assim, mesmo que a todo tempo os povos de matriz africana, afroindígena e indígena sintam essas conexões, não buscam eliminar suas singularidades sob um entendimento de que no fundo “é tudo a mesma coisa”. Tudo se dá por meios muito complexos, e talvez o mais importante seja nos permitirmos sentir e perceber o que, a cada caso, a cada encontro, pode trazer-nos com mais força, liberdade, autodeterminação e solidariedade; ou o que, pelo contrário, nos faz sentir medo, rancor e fraqueza.

Baba Odesi falou da importância da constituição e elaboração

desse patrimônio cultural que vem de África no Brasil, que por vezes é compreendida como estando circunscrita a uma dimensão religiosa, mas constitui toda uma tradição e visão de mundo muito mais ampla. Na oficina falou também dos conflitos de quando essas diferenças se apresentam e que podem nos complicar, mas que não nos afetam negativamente se houver *respeito mútuo*, sendo o primeiro deles o *respeito à natureza* como sendo, fundamentalmente, o respeito aos elementos que propiciam a vida.

Baba Odesi também ressaltou como esses povos africanos tinham práticas bem desenvolvidas de agricultura e metalurgia, que cuidavam do sagrado com reverência, e o sistema racista é o que vai colocá-los no âmbito do não-civilizado, do selvagem, de forma negativa e inferior, uma vez que é fundado num modo de pensamento que não é capaz de respeitar aquilo que é diferente de si mesmo. Baba falou sobre como essas tradições partem de uma concepção de mundo onde o importante não é ter, possuir, mas cultivar e fortalecer o grupo, a família, dos ancestrais aos filhos, netos, à sua geração; é tão somente a busca por uma vida saudável para todos e todas. Baba Odesi falou também sobre como a fome que se abateu em África foi consequência da ação dos dominadores, dos colonizadores europeus a partir do apagamento de sua história, de sua cultura, através da perpetuação da dominação mesmo após a independência das colônias.

Outro conceito trazido por Baba Odesi que é reativado pelos povos de matriz africana na diáspora é o de *sankofa*, que significa “olhar para trás para seguir em frente sempre”. Para ele, seguir em frente sempre como emissores da autenticidade, não da falsidade ou como causa do enfraquecimento de um irmão. Falou também sobre como lutam pela autodeterminação dos povos para que estes possam viver bem; sendo somente assim que se faz possível a aproximação com o sagrado, mesmo quando tudo a nossa volta parece tentar nos eliminar.

Outra temática também trazida pelo Baba em sua fala naquele dia foi a de como a escravidão buscou eliminar as ferramentas e métodos de cultivo da terra dos povos de matriz africana. Povos estes que nutriam a importância do respeito e do cuidado com a terra, que traz nossos alimentos e condições de existência, que nos deu a vida; e que esta deve ser respeitada, cabendo a todos e todas defender essa convivência com

ela e entre nós, que enfim, somos todos um mesmo povo uma vez que filhos de um mesmo lar, a Terra. Assim, é sempre importante se cuidar do sagrado, sem, contudo, esquecermos do físico, do alento para o corpo físico.

No que tange à autodeterminação dos povos, enfatizou a importância de se entender o mundo a partir de seus próprios conceitos; e que isto não significa o desejo de ser superior a ninguém, apenas de se estar forte na vida, e é para isso que desenvolveram suas próprias tecnologias de resistência. Pediu que o sagrado cuidasse de todas as pessoas presentes:

“Somos ubuntu, não posso existir sozinho, e por isso trabalhamos e nunca seremos eliminados, quando eu perco essa dimensão do outro eu perco a mim mesmo, quando o outro deixa de existir é um pedaço de mim que se vai. Por que viemos a essa terra? Para a busca de um maior entendimento sobre as coisas, sobre o bem e o mal, sobre o egoísmo, não apenas sobreviver, mas aprender, e sobreviver através da insubordinação, da falta de obediência àqueles que desejam nos exterminar. (Baba Odesi)”

Baba Odesi finalizou sua contribuição afirmando que os povos de matriz africana sobreviveram, sobrevivem e sobreviverão, mantendo viva a sua ancestralidade, que não deixarão de existir. Sobre os diferentes povos falou sobre como existem muitos entendimentos, mas todos com respeito e gratidão pela existência, diferente da arrogância daquele que se acha superior, como é a prepotência branca: “a vida não tem essa pretensão de sobreposição”. E concluiu: “A verdade absoluta existe, mas cada um tem a sua verdade, e essa compreensão pode contribuir para uma coexistência fraterna para uma vida em harmonia; para a compreensão de que somos co-criadores do divino em nossa vida”.

Neste mesmo encontro Marcelo Firpo iniciou sua fala trazendo os conceitos de “ecologia de saberes” e “diálogo intercultural” que orientam as produções e reflexões realizadas pelo Neepes, baseadas principalmente nas reflexões do sociólogo português Boaventura de Souza Santos.

Afirmou que o referencial das epistemologias do Sul, e a ecologia

política de modo mais amplo, é fruto de uma conjunção entre a crise e crítica das utopias nas últimas décadas do século XX e as críticas contracoloniais no bojo dos processos de lutas pela independência no Sul Global que identificam a continuidade do colonialismo no capitalismo globalizado e neoliberal; processo este que dá continuidade a uma série de exclusões radicais e eliminação de outros saberes.

Nesse sentido não se trata de negar a ciência, mas sua pretensão de ser o único conhecimento válido dentro todos os existentes. O que a ecologia de saberes pretende assim é romper com a visão de um universo, para deslocar o olhar para a existência de um pluriverso onde diferentes mundos possam coexistir. Marcelo também trouxe o modo como este pensamento hegemônico possui uma forte relação com a cosmovisão cristã de separação entre razão e afeto, indivíduo e sociedade, natureza e humanidade; prevalecendo uma lógica racionalista em que tudo está disponível para ser desvelado, onde não há poesia, mistérios nem incompletudes que fazem as criações possíveis; uma negação que se torna uma condenação de morte, uma alienação existencial, e se afasta cada vez mais da sabedoria, enquanto elemento distinto da mera informação, ou conhecimento conceitual superficial.

Certos ramos da ecologia política buscam assim reaproximar a humanidade da sabedoria, afastamento que possibilitou a existência de criações como a bomba atômica e os agrotóxicos, produtos de certa humanidade que se apartou das filosofias da vida; que buscam tornar a vida servil à dominação; tornar a natureza como uma grande fábrica, a terra e as águas como recursos, disponíveis à especulação do capital; que gera o apagamento de seres, de histórias e experiências.

A ecologias de saberes vem assim investigar os mistérios da vida, mas não desvelar a verdade, e nisso se preocupa em como construir pontes que possam servir às lutas sociais, com um profundo respeito aos saberes populares; persegue a possibilidade de se construir uma sociedade pós-colonial, pós-patriarcal, pós-capitalística; busca estabelecer um diálogo com os saberes científicos que fogem da monocultura do saber, da ideia de universalidade, áreas que estejam abertas a intercâmbios, entre as áreas científicas e com os povos originários, camponeses e de matriz africana, que seja capaz de promover uma hibridização que não seja um mero sincretismo que

possa gerar ainda mais apagamentos.

Essa proposição não teria como objetivo realizar um estudo arqueológico de sociedades do passado, mas fundamentalmente de criações atuais, preocupadas com questões atemporais e atuais como as mudanças climáticas, a produção da pobreza e da fome, atenta que está no fato de que também seremos os ancestrais dos futuros cientistas porvir, assim, que herança será deixaremos para eles? Como construir soluções e alternativas a tantos dilemas?, indagou.

Destacou 4 desafios fundamentais: que não há ecologia de saberes sem o diálogo, os encontros e estranhamentos inevitáveis na busca de construções possíveis entre saberes tradicionais, populares e comunitários e que a Fiocruz tem tido um papel fundamental nisso no contexto brasileiro; que é importante que se formem acadêmicos sensíveis que tenham a capacidade de se despir de seus paradigmas e romper com as diferentes monoculturas como a do fundamentalismo religioso; a importância de existirem tradutores que circulem entre os mundos e sejam capazes de alternar entre perspectivas como os xamãs, como Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, também conhecido como Nêgo Bispo, certas lideranças do MST, e outros; que sejam criadas ferramentas que se utilizem de outras linguagens, linguagens da vida, o silêncio, a escuta, a poesia, o diálogo, com as diferentes correntes do conhecimento acadêmico, mas rompendo com o racionalismo, o logocentrismo e o afastamento da vida das pessoas, como também se propunha a construção desde documentário.

Após as falas dos convidados Marina apresentou uma “questão polinizadora”¹⁰, para impulsionar a discussão a seguir, que consistia na pergunta: “Como os saberes ancestrais contribuem no diálogo intercultural com uma ciência sensível e inspiram a construção de outras narrativas para compreensão da relação dos POTMAs e suas Unidades Tradicionais Territoriais no enfrentamento do racismo em suas diversas formas?”

Ao longo do debate, Baba Odesi reafirmou que falar de racismo

10 PORTO, M.; ROCHA, D.; FASANELLO, M. Saúde, Ecologias e Emancipação: conhecimentos alternativos em tempos de crise(s). [s.l.] Hucitec, 2021. v. 1

religioso ainda era muito pouco; que se falarmos de racismo simplesmente como aquilo que hierarquiza, discrimina, prejudica, os adjetivos acabam protegendo as pessoas que não querem enxergar o todo, a disputa pela origem que está na raiz de todo conflito entre a vida de uma comunidade e o capital, sendo assim se reparte a questão e discute-se só o ambiente, o gênero, a religião, nos separando do problema fundamental que atinge esses povos.

Também, Thayna Brasil, integrante do coletivo audiovisual do Rio Grande do Sul, compartilhou com os presentes uma experiência de racismo que passou com uma vizinha que costumava reclamar do barulho dos atabaques de sua casa de axé, e lhe disse que o problema desse povo era que lhe faltava uma formação acadêmica como acontece com os padres, assim, a mulher não conseguia compreender que esses mestres aprendem é com a *experiência vivida*, aprendem com os que vieram antes deles, através da *oralidade*, justamente. Isto é, há outra maneira de se aprender a aprender. Maneira esta que como lembrou Marina, ao contrário de como nossa sociedade trata os anciãos, onde o mais velho se torna um peso, outros povos valorizam seus conhecimentos e experiências que são fundamentais em toda a dinâmica de produção do parentesco e da vida como um todo.

Marcelo Firpo falou sobre o caso do povo indígena Munduruku e o conflito ambiental que passam pela construção de uma hidrelétrica e seu território, que a construtora afirmava que aquilo não iriam alterar em nada o ambiente, dizendo que os Munduruku eram supersticiosos, mas apenas a partir do diálogo entre eles e os biólogos foi possível tomar conhecimento dinâmicas da ecologia local que apenas os Munduruku sabiam; por exemplo, que as pedras no meio do rio sumiriam e os pássaros que ali colocavam seus ninhos não poderiam mais se reproduzir; que eles possuem um contato com os espíritos desses seres; falou acerca de como a escravidão ainda se faz presente no ar hoje em alguns espaços e do racismo como este processo de exclusão radical; também, que sem o respeito não há diálogo possível; lembrou de como o racismo tem como prerrogativa colocar o outro no campo da ilusão ou do erro, não sendo a toa que há uma forte relação entre a luta antimanicomial e a luta antirracista no contexto brasileiro, para que se possa escapar de abordagens patologizantes sobre a diferença e

complexificarmos essas questões.

A parte final do encontro teve como foco o desafio e dificuldades envolvidas em se construir uma gramática comum. Como Luciana Ramos – pesquisadora integrante do subprojeto do Mapa de Conflitos nesta cooperação – ressaltou na ocasião Exu é aquele abre possibilidades e encruzilhadas e seu domínio é a comunicação; que a partir de Exu poderíamos dizer que não há apenas um léxico apenas, mas vários, justamente, que é construída na experiência vivida, na oralidade, como estava sendo feito naquela atividade naquele momento; e que nós todos, sem exceção, somos incompletos. Assim, mais que uma gramática comum, seria importante falarmos de “processos tradutivos”, que possam aproximar mundos divergentes. Também, Marcelo Firpo reforçou a importância do diálogo e de se tecerem vocabulários e processos de nomeação que levem em conta a busca por dignidade.

2.1.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele

“Agô Mojubá, Laroyê (2x)

Senhor dos caminhos/

meu protetor (...)” - Guina Theodoro

Permita que eu conduza esse entendimento

da melhor forma possível

Que nossos filhos,

sejam os mesmos ancestrais

que até aqui nos conduziram.

É preciso silêncio,

escuta,

poesia.

Comunicação é ponte:

travessia.

Construção de novas narrativas
por uma ecologia
de saberes ancestrais
e, interculturais.
Conhecimentos científicos e tradicionais,
contra injustiças sociais,
cognitivas,
sanitárias,
ambientais.
'agro é tec, agro é pop, é tudo (?!)'
é cultivo que não se come,
que consome
terras, vidas,
em nome
de uma suposta 'ordem e progresso' (???)
RETROCESSO!
Aberração! Contradição!
NÃO!!!!
Quem deixar a África de lado
nunca perceberá o Brasil,
pois quando perco o outro, eu me perco também!
Sejamos emissores de uma existência pacífica, harmoniosa e
fraterna.
Pois sempre haverá alguém
que lutará com a força de uma ancestralidade eterna!

2.1.2 - Relatoria gráfico-imagética Lorena Portela



2.2 - 1ª Oficina de Reconhecimento e Troca: Oralidade e Documentários nas Lutas Sociais

O segundo momento coletivo do subprojeto, a 1ª Oficina de Reconhecimento e Troca, ocorreu no dia 30 de abril de 2021 e teve como tema a Oralidade e os Documentários nas Lutas Sociais. Contou com as falas de dois convidados, o primeiro Baba Paulo Ifatide Ifamoroti, fundador e mantenedor do Centro Cultural Orunmila e do Afoxé Omo Orunmila, para falar sobre o lugar da oralidade nos povos e comunidades tradicionais de matriz africana e Marina Tarnowski, co-fundadora e pesquisadora do Neepes no tema das metodologias sensíveis co-laborativas, para falar sobre a contribuição dos documentários nas lutas dos movimentos sociais no Brasil, tema de sua tese de doutorado. Além de suas falas, na oficina também foi realizada uma apresentação dos coletivos das unidades territoriais tradicionais (UTTs), na qual alguns

já apresentaram algumas imagens, seja através de fotos ou de vídeos de seus territórios e coletivos. A produtora Couro de Rato também se apresentou ao final, trazendo o processo de sua fundação, alguns princípios que a norteiam e trechos de alguns filmes que já realizaram.

Assim como no encontro anterior, foi indicado um conjunto de leituras prévias para a oficina. Os artigos: “Concepções africanas do ser humano em Pensamento engajado: ensaios sobre Filosofia Africana” de Severino Ngoenha e José Castiano; “Oralidade Yorùbá: o papel da ‘palavra’ dentro do culto de *Òrìṣà*”, de Ulisses Manaia, também conhecido como *Bàbá Olùmòlà*; e texto de Marina Tarnowski, Inesita Araujo e Marcelo Firpo, “Produção audiovisual nas lutas dos movimentos sociais do campo no Brasil: dimensões comunicacional e epistemológica”. Também foi indicado para a oficina uma entrevista com a escritora Paulina Chiziane sobre “Oralidade e ancestralidade”¹¹.

A ementa preparada para a oficina falava sobre como ao escravizado nas Américas lhe foi negado o direito de exercer a sua cultura e falar a sua própria língua. Elaborava:

“Para os povos tradicionais de matriz africana, a palavra é uma força vital e fundamental, pois é o enunciado oral, é uma exteriorização de forças vitais e o resultado da integração das forças vitais das pessoas. Pela oralidade, transmite-se a essência do ser, o *ìwà*, em *yorùbá*, que são características e qualidades que a pessoa possui ou pode vir a adquirir em sua vida. É também destino, que surge dos procedimentos diários da pessoa no *àiyé*, as virtudes e as peculiaridades que regem sua norma de conduta, consigo e com a sociedade, favorecendo ou não as oportunidades que surgem em sua vida.

Para as tradições africanas, há momentos no qual a unidade deve ser evocada, na tentativa de escapar das armadilhas do disperso e do desunido que empobrecem. E há momentos no qual a diversidade deve ser evocada quando a homogeneização, armadilha do mesmo e do único, empobrece. Tal como ensina um ditado banto – originário de Cabinda: “não há floresta boa com um tipo só de árvore”.

O humano é significado pelo princípio banto do ‘ntu’, no qual a existência do indivíduo se dá no coletivo. O pertencimento e a capacidade de entendimento e aceitação dos processos vividos no espaço tradicional passam pelo domínio da língua e das linguagens

11 Vídeo: Paulina Chiziane. Oralidade e ancestralidade: https://youtu.be/WiLijX_7dDk

corpóreas, rítmicas e musicais e oferece as condições para a valorização e o reconhecimento da identidade dos povos tradicionais de matriz africana” (SILVA NETO, 2016, p.11).¹²

Após as saudações tradicionais realizadas por Baba Odesi a Oxalá, orixá do sopro vital, cultuado pelos povos de matriz africana no Brasil às sextas-feiras, senhor do branco, da paz, da fraternidade; Baba Odesi pediu para que Oxalá fortalecesse a possibilidade de entendimento entre as pessoas, que trouxesse bons caminhos e pacíficos para os trabalhos do dia.

Em seguida Baba Paulo Ifatide Ifamoroti iniciou sua intervenção falando sobre como é comum entre os povos africanos a priorização da palavra oral, independente do domínio ou não da escrita; e como as narrativas orais constituem pilares onde estão ancorados os valores civilizatórios e os legares mais legítimos das comunidades, famílias e pessoas. Ensinou:

“O olhar externo de pesquisadores auto-referenciados, incapaz de compreender a oralidade, sempre considerou como se fosse analfabetismo, atraso, entrave ao desenvolvimento. Mas a oralidade envolve o desenvolvimento de técnicas expositivas, civilizatórias, próprias que deem conta da complexidade da comunicação oral, enquanto metodologia de apreensão e transmissão de conhecimento. Há quem pense em oralidade apenas o conjunto de lendas, de relatos mitológicos sem uma base real.

Hampâté Bâ¹³ lembra que a oralidade é a grande escola da vida, onde o espiritual, o material, não estão dissociados e todo o pormenor nos aproxima sempre na unidade primordial, é ciência, é história, é criação, é a vida. Ele diz, o patrimônio cultural do povo africano consiste na soma de conhecimentos sobre natureza, a vida, os valores morais e a sociedade, a concepção religiosa do mundo, o domínio das forças ocultas que cercam o homem, o segredo da iniciação e dos diversos ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos. O canto ritual, a lenda, a poesia, tudo isso é guardado pela memória

12 SILVA NETO, José Pedro da. Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana: Cartilha. Ministério da Justiça e da Cidadania, SEPPPIR, PNUD/ONU. Brasília, DF, 2016.

13 HAMPATÉ BÂ, Amadou. ‘A tradição viva’. In: J. KI-ZERBO, História Geral da África – Metodologia e pré-história da África, Vol. 1. São Paulo/Paris, Ática/UNESCO: 1980.

coletiva. A verdadeira moderadora da alma africana, e de sua própria história. Por isso, já se disse, que cada ancião que morre na África é uma biblioteca que se perde. Toda história verdadeira de África está na tradição oral, tão digna de fé como qualquer fonte escrita.

No caso das populações africanas, afrodiaspóricas oprimidas pela escrita do colonizador, que lhes nega valor, qualidade, humanidade, o domínio da oralidade e suas técnicas adquire importância fundamental, verdadeiro relicário, patrimônio histórico, literário e filosófico. Os pesquisadores que querem entrar em contato com a história não escrita pelo colonizador, mas preservada nos territórios tradicionais, vão em busca desse conhecimento. Uns, apenas para uso próprio, para fazer um livro, e cuidar da vida, e outros, realmente, fazem uma devolutiva daquilo que aprenderam.

Na visão euro-ocidental se costuma dizer que quem conta um conto, aumenta um ponto. Mas, na visão das tradições africanas, a palavra compromete o homem. Existe um adágio africano que diz: a palavra compromete o homem, a palavra é o homem. Então, a oralidade nas culturas africanas se baseia na concepção da palavra como força fundamental e instrumento de materialização de forças vitais, de uma força que anima, que movimenta o que está estático. Nós temos uma palavra que se chama *ofò* que é encantamento através da palavra. Aquilo que dá força vital através da fala para qualquer ação humana. Nós mastigamos o *ataare*, que é a pimenta da costa, para que dê mais força a sua palavra.

Na tradição bambara, por exemplo, considera-se que a fala entoada ritmadamente produz movimento. Na tradição *yorùbá*, que eu me sinto mais a vontade para falar, que é de onde eu sou iniciado e atuo, existem diferentes gêneros literários utilizados para a transmissão oral dos conhecimentos, das normas sociais de conduta, dos usos e costumes que incluem ao mesmo tempo, poemas, narrativas, fórmulas e cantigas.

Só para demonstrar a riqueza dos enunciados que forma a complexidade da oralidade, vou trazer alguns exemplos da tradição *yorùbá*, como os *oríkì*. *Oríkì* é saudação em nome. *Orí* é cabeça, *kí*, saudação. Sua entoação sempre emociona a pessoa a quem é dirigida já que relata feitos, virtudes e características. Podem ser entoados para saudar orixás relatando seus feitos, episódios em que suas vidas foram totalmente solicitadas e alcançadas. Os *oríkì* utilizados para cada *òrìsà* recebem determinadas expressões que tratam de elementos fundamentais da sua existência, por exemplo, um *oríkì* a Xangô e que venha “Obakossô!”, ou seja, o rei não se enforcou. Ou “Obaladú!” (com u alongado), aquele que racha o pilão. Para Oyá: “Oyá, o grande vendaval que corta a copa das árvores”. E tem *oríkì* que se referem à linhagem familiar de alguém, os ancestrais, relata fatos do passado de determinada família, faz referência às profissões daquela família. São muito entoadas em situações sociais, casamentos, batizados, e cerimônias fúnebres. Os *oríkì* podem ser entoados também a partir de marcas faciais de uma pessoa, que são marcas faciais que determinam a origem étnica ou sub-étnica de cada ser humano. Animais, cidades, terras, povos também possuem *oríkì* que descrevem sua história, sua característica e comportamentos. Um trecho de um *oríkì* de Abeokuta diz: Abeokuta, a cidade dos ebás, a cidade cercada de pedras. Então, conhecendo esse *oríkì*, mesmo antes de conhecer pessoalmente a

cidade de Abeokuta, eu já sabia a característica de Abeokuta, e quando lá cheguei não houve nenhuma surpresa porque é realmente uma cidade cercada por pedras monstruosas, que se assentaram ali como espaço de defesa dos ebás durante a luta fratricida entre os *yorùbá*.

Orin são cantigas, que carregam partes pequenas dos *oríkì*, como registro do modo de ser e viver do povo *yorùbá*. *Àdùrà* são rezas. Na tradição oral *yorùbá*, as rezas são voltadas para a relação com *òrìṣà* e ancestrais. Consideradas veículo de axé e poder de realização. São declamados em cerimônia, são acompanhados pelas pessoas presentes com a palavra “Axé!”, consagrando o que está sendo dito.

Temos o *ìgbà*, que é o mais simples dos elementos de tradição oral *yorùbá*, que são saudações aos *òrìṣà*, ancestres, mestres e anciãos, usados para dar início a qualquer ritual. Exemplo, “Ogunhê!”, para Ogum, “Eparrêi!”, para Oyá, etc. E temos também cânticos de lamento, quando há um falecimento na família, os *ìjálá* são festivos e de homenagem a determinado *òrìṣà*, todos eles voltados ao *òrìṣà* Ogum. É muito conhecido no Brasil como guerreiro, mas em África é conhecido também como civilizador. Aquele que ditou as normas e a moral da sociedade, de todo coletivo e está presente em todo rito de passagem. Um *ìjálá* que eu gosto muito diz: “que a fúria de Ogum não se abata sobre nós. Ogum é como mato que cresce à beira de um riacho. Ogum é o dono da casa, Ogum é o dono do espaço fora de casa. Ogum é dono do espaço espiritual, Ogum é o dono da terra. Ogum é dono da faca, Ogum é o dono da enxada. Ogum tirou meu prepúcio. Não deixe que a sua fúria se abata sobre nós”. É um *ìjálá* de Ogum muito conhecido na terra *yorùbá* e que sintetiza um pouco isso do que estamos tratando. Do que é um *oríkì*, um *ìjálá*, um *ìgbà*, *orin*, etc.

Tem mais um elemento que é extremamente interessante, entre as muitas perdas que nós tivemos nesse traslado de África para a diáspora, se dá através dos tambores. São gêneros literários também, acompanhados pelos chamados *dundun*, *gangan* entre outros. Cujo ritmo comunica o que está sendo dito. Inclusive a possibilidade de se narrarem história sem o uso da palavra, somente com o som ritmar dos tambores. Por isso a denominação tambores falantes, os *Ayan-ayan* seria um espírito do tambor. E toda a família dos *ayan* recebem um nome ligado a *Ayan*, como por exemplo: “*Ayandele*, significando “o *ayan* chegou em casa”. São considerados mestres, músicos, historiadores, pertencem sempre à linhagem do responsável pela manutenção e transmissão desse conhecimento. Numa viagem minha para a Nigéria, eu estava com um amigo e fomos recebidos na cidade de Ifon, pelos *ayan* do rei, e aí ele virou para mim e disse: os tambores estão dizendo, seja muito bem-vindo. Não tem como não se emocionar com isso. Infelizmente no Brasil nós perdemos essas possibilidades no caso do tambor falante.

É importante reafirmar que a oralidade não é necessariamente a ausência de escrita, e muito menos a ausência de conhecimento e capacidade, é sim um modelo civilizatório, uma visão de mundo na qual a palavra é mais do que apenas comunicação entre pessoas, mas transmite conhecimentos ancestrais e a história de um povo.

O Hampâté Bâ mais uma vez, coloca um pensamento de Tierno Bokar, um grande filósofo da etnia bambara, de onde hoje é o Mali, que ele dialoga entre o que é a escrita e o que é o saber, e ele diz assim: “a

escrita é uma coisa e o saber outra, a escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si, o saber é uma luz que existe no homem, a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer, e se encontra latente em tudo que nos transmitiram. Assim como um baobá já existe em potencial em sua semente”. (Baba Paulo Ifatide Ifamoroti)

Após a fala de Baba Paulo Ifatide, Marina Tarnowski Fasanello trouxe sua contribuição à oficina falando sobre o papel e contribuição dos documentários nas lutas sociais. Em um primeiro momento trouxe sua experiência como contadora de histórias, parte de um grupo que também via a importância da palavra como transmissora de vida e o papel fundamental das histórias para a construção de mundos e pessoas. Nesse sentido, acredita que também os filmes, de algum modo, exercem um papel similar ao da oralidade na sociedade ocidental, possuindo um grande potencial transformador para tecer redes entre os saberes tradicionais e a ciência para uma mudança social e civilizatória. Sendo ferramentas através das quais podemos construir outras histórias.

Foi compartilhado um trecho do filme “Fio da Meada” (2019), de Silvio Tendler, que foi produzido em parceria com o Neepes¹⁴. O trecho selecionado trazia falas de autores como Adolfo Pérez Esquivel, Boaventura de Souza Santos, Jairo Munduruku, Juarez Munduruku, Marcelo Firpo, Raquel Rolnik e Guilherme Boulos, que falam sobre o saber que vai para além da informação, que fala sobre o sentido da vida; da importância de se romper com o abismo moderno que exclui os conhecimentos de outros povos não europeus. No documentário, Jairo Saw Munduruku, liderança historiador, ativista e liderança indígena do povo Munduruku, afirma que eles não precisam provar a ninguém que têm conhecimento, destacando que seu papel é, fundamentalmente, afirmar e assegurar a continuidade de seu modo de vida, constantemente sob a ameaça de se perder; sobre o caráter sagrado da “natureza” como o Rio Tapajós, no documentário Marcelo Firpo fala sobre a dinâmica que transforma tudo em mercadoria a partir de interesses privados corporativos e, por outro lado, indaga como poderíamos compreender

14 “Fio da Meada” (2019). Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=6Y8W0-v1FJ8>. Acesso em 22/02/2022

a ideia de “bens comuns”; Suely Rolnik fala sobre a especulação imobiliária e a transformação da questão da moradia, antes encarada como política social, passa a ser vista apenas como mero recurso ao mercado; e Guilherme Boulos elabora sobre a importância da luta por moradia nas cidades.

Marina falou sobre o interesse do Neepes em realizar experimentações em que o sistema de conhecimentos científico possa se desprender do desejo de monocultura, homogeneização, universalismo e regime de verdade totalizante, excludente de outros que si mesmo e possa se combinar com outros saberes ancestrais como aqueles dos povos tradicionais de matriz africana, e outros conhecimentos, alternativos aos dominantes. Conhecimentos que fazem parte do que alguns paradigmas vão chamar de “sul global”, como imagem contraposta ao domínio imperialista euro-norte-americano, onde nasceu e a partir de onde proliferou a modernidade, o capitalismo e o colonialismo, subalternizando os povos pelo mundo.

Marina também afirmou que no processo de resistência a esse processo a *comunicação* tem um papel fundamental, e no enfrentamento a esta ciência hegemônica é fundamental o diálogo constante com os movimentos sociais, fazendo presente suas lutas, demandas, criações, tanto quanto as violações por que passam. No desafio de narrarmos outras histórias que levem consigo força vital fica a questão de como construirmos narrativas contrahegemônicas que não desqualifiquem tudo aquilo que não seja elas mesmas, promovendo uma invisibilização ativa, enfim, narrativas alternativas várias e diferentes em contraponto a esta que se pretende única. Sendo nesse sentido que o documentário em desenvolvimento nesta cooperação pretende se mover.

A oficina teve seguimento com a apresentação dos territórios tradicionais e das pessoas desses locais que estão compondo o projeto. Os coletivos apresentaram seus contextos específicos, as criações pessoais e coletivas a que estão envolvidos, assim como a história das UTTs participantes¹⁵. Algumas apresentaram já algumas imagens de

¹⁵ Os detalhes desse compartilhamento podem ser acessados no relatório específico desta oficina.

vídeo, outras apenas fotografias.

Por fim, Vladimir Seixas apresentou o histórico da produtora Couro de Rato criada em 2015, que compõe a equipe desta frente de pesquisa pelo Neepes, que busca envolver outras linguagens na pesquisa, como no vídeo-documentário sobre os conflitos socioambientais envolvendo os Munduruku no Alto Tapajós¹⁶.

A produtora tem como foco de trabalho a produção de materiais audiovisuais, longas e curtas documentários, séries, videoclipes, registros, etc., com foco nas lutas sociais, principalmente no meio urbano. Dentre as temáticas trabalhadas pela Couro de Rato está o racismo, a luta por moradia, a violência policial, o movimento de favelas, o movimento trans, direitos humanos, com uma estética criativa e poética.

Vladimir Seixas apresentou alguns dos vídeos que a produtora fez como o videoclipe da música “Quilombo Favela Rua” (2017) do rapper Mano Teko¹⁷. Esta gravação foi feita com a participação poética de Nelson Maca que, dentre outras coisas, fala da *comunicação também como cura*.

Vladimir trouxe alguns dos filmes que a produtora fez como o “Vozerio” (2013) sobre manifestações contra os megaeventos no Rio de Janeiro; “A Primeira Pedra” (2018) sobre linchamentos de jovens negros; “Hiato e Nosso Rolê” (em produção) sobre os rolezinhos nos shoppings da zona sul e racismo; “Não é a primeira vez que lutamos por nosso amor” (em produção) sobre transexuais; “Atrás da Porta” que faz um percurso por dentro de ocupações urbanas no Rio de Janeiro, olhando as remoções do ponto de vista de dentro das ocupações; outros filmes sobre transplantes clandestinos de silicone em mulheres trans em Salvador, “Homens Invisíveis”, sobre a experiência prisional de homens trans.¹⁸ Ao final da apresentação foi mostrado um vídeo da pré-produção do filme sobre os rolezinhos, contendo a fala de integrantes

16 Garimpo, natureza e conflitos ambientais no Médio Tapajós (2019). Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=oFEYEGxNmns&t=62s>

17 “Quilombo Favela Rua” (2017) do rapper Mano Teko. Vídeo e letra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZuBzrfaaYk>. Acesso em 22/02/2022

18 O currículo da produtora está disponível em: <http://couroderato.com.br/curriculo-da-produtora/>

do movimento negro como o “Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto”; no qual afirmam que para o povo negro e de matriz africana, o apocalipse já aconteceu, ainda assim, seus filhos e filhas ainda estão aqui, o que nos pode fazer pensar sobre o que temos a aprender com essa história de lutas, resistências, persistências e recriações comunitárias.

Para Marina toda a ideia deste documentário consistiria em partir da perspectiva dessa perda contemporânea dos conhecimentos que são tecidos na experiência. Ou seja, em outras palavras, da perda do sentido de sabedoria. Essa perda de saberes estaria relacionada a uma perda de capacidade de traduzir, de narrar, de forma significativa as nossas próprias histórias¹⁹. Assim, sustenta que isso se conecta profundamente com o que o Baba Paulo falou sobre a importância da oralidade para a humanidade e para o fazer comunidade; a importância da palavra.

Ao mesmo tempo Marina lembrou que nessa disputa de narrativas não podemos esquecer que esse processo de alienação e desconexão acompanha o advento do capitalismo moderno onde são trazidas outras formas de comunicar acompanhadas do registro de que são mais objetivas, mais tecnológicas, e assim, melhores, quando na verdade elas tendem a apagar as memórias e os *pertencimentos* desses grupos que estão envolvidos nas histórias e narrativas que estão sendo construídas. Isso em nome de uma objetividade intelectual e também científica, mas que ao mesmo tempo vai se esvaziando da sua dimensão ética e afetiva.

Para a relatoria escrita deste projeto, uma das coisas que chamaram bastante atenção na fala de Baba Paulo Ifatide Ifamoroti foi o modo como ele enfatizou que *a oralidade vai muito além de uma mera oposição à escrita, mas é efetivamente uma visão de mundo*. Que a palavra coloca as coisas em movimento, traz vida ao que está estático, compõe com as forças do mundo, enfim, ficamos com a questão de como podemos pensar então uma escrita, ou um filme-documentário neste caso, em

19 FASANELLO, M. T. O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: produção social de sentidos e epistemologias do Sul contra os agrotóxicos e pela agroecologia. Doutorado. Rio de Janeiro, ICICT, Fundação Oswaldo Cruz, 2018.

que esta criação seja vista desse ponto de vista também. Afinal, tanto a escrita como a fala, como o vídeo, podem reproduzir determinada visão de mundo dominante, o que seria um vídeo que não faz isso? É uma experimentação.

Também destacamos a poesia de Nelson Maca no vídeo de Mano Teko quando fala da *comunicação também como cura*. Apesar de todas as violências por que passamos nesses séculos, ainda estamos aqui. Como nos curamos dessas feridas? Mas importante lembrar que não há uma cura apenas, como numa perspectiva salvacionista típica do fundamentalismo religioso. Que tipo de cura seria essa que justamente não se pretende a ser uma só? “O apocalipse já aconteceu e ainda estamos aqui”, apesar de todas as tentativas de destruição. Por quê?

Lembramos da fala de uma anciã quilombola do Quilombo Santa Rosa dos Pretos de Itapecuru-Mirim no Maranhão: “O mar não tem fim minha filha”, é infinito, e da fala de Makota Valdina Pinto para pensarmos neste projeto diante do momento político que estamos vivendo, para não desesperar e aprender com os ensinamentos dos que vieram antes:

“Tem momentos em que a gente tem de estar na luta como água. A água vai pingando: pin, pin, pin... Ninguém está vendo a água pingando. Daqui a pouco, você vê que está tudo alagado. É assim que a gente vai ter que agir, como Dandalunda, como Oxum, como Aziri, como água.” (PINTO, Valdina, 2020).²⁰

2.2.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele

Luz, câmera, cominc[ação]

Oralidade como comunicação na luta social,

20 PINTO, Valdina. “O terreiro e as imagens”. CESAR, Amaranta, MARQUES, Ana Rosa, PIMENTA, Fernanda, e COSTA, Leonardo (org.). *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc*. Edufba: Salvador, 2020.

Narrativa oral,
palavra é força vital,
um fundamental patrimônio cultural.

ATARÊ:

Pimenta da costa mastigada
para dar forças às nossas palavras
e seguir na transmissão do saber.

Na utilização do OFÓ: encantamento
na complexidade da oralidade via poesia.

Sendo elemento

contra uma hegemonia,

seguimos no enfrentamento

para credibilizar nossos fomentos

pois não precisamos de certificados pra provar que temos
conhecimentos!!!

Palavra faz do estático, movimento!

Não é apenas alcance de escrita

é sabedoria infinita,

pois a língua também é alimento!

Sagradas mulheres d'águas,

suas raízes são espelhadas.

Memória é história,

aquela não escrita pelo colonizador

que se diz tão idealizador.

Então, saudamos respeitos aos ancestrais que desencarnaram

cheios de narrativas alternativas.

Cada ancião que morre na arca é uma biblioteca que se perde
Mas suas palavras são pilares que permanecem
guardados na memória coletiva,
pois sabedoria está naquele que compreende o sentido da vida.
Salve todos os ilês presentes!
Baobá já existe em potencial na sua semente!
E ‘veloiz’,
“Hoje o quilombo vem dizer/
favela vem dizer/
a rua vem dizer/
é nóiz por nóiz!”

2.2.2 - Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela



2.3 - 2º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa: Racismos

O 2º Encontro do projeto (terceira reunião geral) ocorreu no dia 17 de maio de 2021, e foi mais um momento de formação e discussão coletiva de temas transversais, neste caso, sobre “Racismos”. O encontro contou a participação de duas convidadas: Silvana Santana, mestranda em História da África, Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB); e Eliete Paraguassú, marisqueira, pescadora e quilombola, da Comunidade Porto dos Cavalos na Ilha de Maré, Baía de Todos os Santos, Bahia.

A literatura indicada para este encontro foi a ficha sobre o caso da Comunidade da Ilha de Maré no Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (Fiocruz)²¹; um texto de Abdias do Nascimento²², outro de Oyèrónkẹ Oyěwùmí²³ e outro de Anibal Quijano²⁴. E foram indicados o filme documentário “Mulheres das águas” (2016)²⁵ e Amistad (1997).

No início do encontro após a abertura tradicional e saudações preliminares foi apresentado o vídeo realizado pela Mídia Ninja, que

21 BA – Comunidade da Ilha da Maré luta para afirmar identidade, titular territórios quilombolas e combater práticas de racismo e degradação ambiental: <https://bit.ly/1.com/NXteC>

22 NASCIMENTO, Abdias do. Capítulo IV, O MITO DO “AFRICANO LIVRE”. In: O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz na terra, 1980

23 OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas iorubás. Tradução para uso didático de OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por Wanderson Flor do Nascimento

24 QUIJANO, Anibal. CAPÍTULO II. “Colonialidade do Poder e classificação social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra. Ed. Almedina, 2009

25 Mulheres das Águas. Direção: José Roberto Pereira. Roteiro: José Roberto Pereira Editor: Produtor: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dvd (32min.): Ntsc, Son., color, 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18147>. Acesso em 22/02/2022

fala sobre o conflito na Ilha de Maré²⁶.



*Fotografia: “Mulheres das águas: corpos na lama e na luta” – Patricia Rodin
Ilha de Maré, Baía de Todos os Santos (BA), Brasil, 09 ago. 2018*

O vídeo apresentado mostra a luta da comunidade de Ilha de Maré contra a Petrobrás, o Complexo Industrial e o Porto de Aratu, empreendimento que vêm contaminando as águas locais e desencadeando uma série de doenças crônicas nos pescadores e marisqueiras, além de promover a destruição ambiental da fauna e da flora, dos mangues, árvores, animais e águas; segundo Eliete Paraguassú, coisas que “não são nossas” e assim, não podem ser apropriadas como mercadoria ou envenenadas com minérios como o cádmio e o chumbo, como vem ocorrendo. O vídeo também mostrava que foi detectado que mais de 90% das crianças estavam com altos

²⁶ “Assassino Invisível: lixo industrial na Ilha de Maré chega a níveis mortais”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jA925zZV0J8>

níveis de contaminação em seus corpos, e que uma menina de 13 anos chamada Adriane faleceu de câncer nos ombros em decorrência da contaminação. No vídeo Eliete Paraguassú fala que se trata de uma luta desigual na qual você não consegue “dar um murro”, isto é, reagir com um só ato e finalizá-la, pois, é um mal invisível que chega sorrateiro através das águas, dismantelando aos poucos a vida daquela população que se vê criminalizada e luta por seu direito de sobreviver através da pesca, de continuar com seu modo de vida e com a relação que possuem com as águas, o mangue, com a natureza²⁷.

No encontro Eliete iniciou sua fala se apresentando enquanto mulher negra, pescadora, marisqueira e quilombola, filha de um território preto de Salvador, a comunidade quilombola de Ilha de Maré, que faz parte de um movimento de resistência de mulheres, mulheres das águas, mulheres que têm todo um modo de vida profundamente ligado às águas, ao mar, ao mangue, história que se iniciou com a vinda forçada de seu povo pelo oceano Atlântico com a escravização, povo que conformou esse território de luta pela vida que vem sendo violentado.

Segundo a liderança, a vida na comunidade segue o movimento das marés. A maré grande é quando as mulheres vão pescar, catar mariscos, estar no mar, e a maré baixa é quando acontecem os encontros, reuniões e discussões coletivas. Compartilhou que tudo que a cerca tem uma relação muito forte com o movimento das águas, falando sobre a importância da Baía de Todos os Santos para o povo que ali vive. Falou também sobre como a força e beleza da baía se expressa na arte baiana, como nas inúmeras músicas que falam sobre ela.

Eliete P. também falou sobre os diversos racismos vivenciados cotidianamente pela comunidade, racismo ambiental que tem impactos sobre sua alimentação, nutrição e saúde como um todo, e impede que possam trabalhar e se alimentar de forma digna, tudo isso fruto das ações do Complexo Industrial ali instalado.

27 Nos seguintes links do Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (Fiocruz) é possível obter mais detalhes sobre o conflito:
- <https://bityli.com/AGsQg>
- <https://bityli.com/nLfvP>

Nesse processo de lutas, compartilhou que tem sido muito importante e fundamental a criação de uma rede de parceiros, movimentos e coletivos de dentro e de fora da academia como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o próprio Neepes/Fiocruz. Essa rede de trabalho tem sido fundamental para sua proteção, uma vez que nesse processo de resistência Eliete tem sofrido uma série de ameaçadas, sendo alvo de uma vigilância constante por parte das empresas ali presentes. O que vivem se desenrola também em processos judiciais que estão em andamento e em conflitos com o governo do estado da Bahia. A liderança trouxe a importância do audiovisual como meio de divulgação de suas lutas, como o vídeo da Mídia Ninja apresentado no início do encontro.

Segundo Eliete uma das questões que mais impactam a região é a retirada das áreas de manguezal, berçário de uma série de espécies de plantas e animais, além da contaminação das águas por minérios que tornou a Baía de Todos os Santos uma das mais poluídas do planeta. Enfatizou que diante de tudo por que vêm passando, é o compartilhamento de lutas com outras pessoas e parceiros que as mantém vivas, como a que ocorreu nas mobilizações do Dia Mundial das Águas (22 de março).

Uma importante pesquisa científica que Eliete destacou foi a realizada por Neuza Miranda a partir de 2007, que levantou e divulgou dados acerca da exposição da comunidade ao chumbo, principalmente em crianças, evidenciando o alto índice de câncer gerado no território, muito acima de outras localidades. Falou da importância de que as investigações científicas sejam realizadas no local e também nas pessoas.

Eliete afirmou que a contaminação tem feito com que as pessoas morram sem dignidade, e que elas têm o direito de saber o que tem acontecido efetivamente, processo que é mascarado pelas empresas envolvidas. Ao mesmo tempo, o Estado não os reconhece como sujeito de direitos, um estado genocida, racista, e que é este racismo que está matando, silenciosamente, sua comunidade, as pessoas e o ambiente. Em Ilha de Maré não há zona de amortecimento: “o amortecimento são os próprios corpos das pessoas que buscam a todo tempo silenciar”.

A liderança afirmou também que tudo o que vem acontecendo é fruto de uma certa visão de desenvolvimento, mas que um desenvolvimento que mata todo tipo de vida não pode ser considerado efetivamente enquanto tal. Enfatizou a violência que consiste na retirada de manguezais centenários, berçários de uma série de espécies pois as áreas de coroa do mangue têm essa capacidade filtragem e que sua luta é também para que não aconteça em seu território o mesmo que aconteceu à Baía de Guanabara. Por isso, se organizam e integram o Comitê de Defesa da Baía de Todos os Santos.

Dentro dessa mesma perspectiva “movida pela ganância” outro empreendimento se avizinha que é o projeto de construção da Ponte Salvador-Itaparica. Outra tragédia em curso que irá revolver os sedimentos adormecidos no fundo do mar e pode gerar mais uma série de impactos.

Eliete falou que nesse conflito não é só o ambiente que está morrendo, mas a própria comunidade também, junto com ele. Compartilhou como os governantes aproveitam o momento que estamos vivendo de pandemia para “passar a boiada” e que está sendo muito difícil viver nesse contexto: “na verdade vivemos uma pandemia de mais de 520 anos, é só olhar e ver: quem mais morre?”, perguntou.

Por fim, afirmou que as mulheres e a comunidade de Ilha de Maré não irão desistir da luta, que é uma luta justa, uma luta pela vida, que até o fim defenderão esse lugar que é sagrado para elas. Por possuírem esse sentido de sagrado é que os povos tradicionais são os guardiões da terra, os guardiões da vida, e assim, lembrou que proteger esses guardiões é tarefa de toda a sociedade, de cada um e de todos coletivamente: “lutamos apenas para continuar vivendo desse jeito, como nos ensinaram nossas mães e avós, com qualidade de vida e com sabedoria, é tudo o que desejamos”.

Em seguida, Silvana Santana (Fonsanpotma), iniciou sua fala saudando Eliete, uma “matripotência na cidade de Salvador”; falou que ela mesma mora em Periperi, bairro da cidade próximo à Ilha de Maré, e que a fala de Eliete teria lhe feito recordar de uma série de momentos de sua infância. Que ouvir sua fala foi doloroso, pois compartilha com ela essa experiência de violência fundada no racismo, no extermínio da

identidade dos povos de matriz africana, e que a luta de Eliete é a mesma que a sua, até mesmo porque a Ilha de Maré é um território tradicional de matriz africana, onde encontram-se 5 ou 6 casas tradicionais.

Para Silvana, o holocausto da escravização que gerou a desterritorialização de milhões de africanos para as Américas tem suas raízes e continua a se expressar no racismo ambiental, mas não só, uma vez que, nessas narrativas diversas, como no Quilombo Rio dos Macacos em Salvador, o que fica marcada fundamentalmente é a negação da existência do ser.

“Qual a diferença entre o 14 de maio de 1888 e o 14 de maio de 2021?”, perguntou. Abdias do Nascimento escreve sobre como após a dita abolição da escravatura, os velhos, mutilados, que não serviam mais ao trabalho foram atirados na rua e chamados de africanos “livres”. Desalento que aprisiona muitos negros ainda hoje. Silvana trouxe a elaboração de Boaventura de Souza Santos acerca da formação da modernidade e como isto se relaciona com a intensificação das desigualdades sociais, agravadas ainda mais por conta da pandemia da Covid-19, que vai comprometendo a existência dessas minorias.

“Estamos falando de racismos ou de racismo?”, perguntou. Silvana defendeu a necessidade de enxergarmos a questão a partir de um critério mais “étnico” do que propriamente “racial”, pois o colonialismo e a escravidão estão fundados na negação do direito dessa população afirmar-se enquanto povo de matriz africana. Este seria o principal fundamento para a violência cotidiana a que estão submetidos, que vai aparecer, por exemplo, no alto índice de letalidade contra pessoas negras nas cidades brasileiras. A colonialidade, assim, é fundada em um grande Racismo, com R maiúsculo, que vai se desdobrar em situações específicas, mas que têm a mesma raiz, daí a importância dessa população se re-semantizar enquanto povos tradicionais de matriz africana.

Sobre o racismo ambiental Silvana destacou o trabalho de Milton Santos e no que o autor desenvolve sobre a negação de espaços geográficos assim como a negação da identidade dos povos; violência que ocorre hoje em vários territórios como no terreiro da Goméia em Caxias, no Quilombo Rio dos Macacos, em Santo Amaro que é ameaçado

por uma fábrica de chumbo. Para ela, em todos esses casos a negação é a mesma, é a negação da existência que provoca a morte, que nega a existência de um povo, que elimina suas marcas culturais. Esse “racismo cultural” então se apresenta, por exemplo, no apagamento da língua; daí a importância de projetos como o que existe na Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) de estudos sobre as línguas de matriz africana como o ioruba.

Silvana falou da importância de se retomar e fortalecer a identidade de povo; perguntando mais uma vez “estamos falando de racismos ou de um Racismo”, isto é, do apagamento dos povos?: “Que nos compreendamos, portanto, como povos, povos que acreditam em seus ancestrais, que não são imaginários, mas vividos, sentidos, que são reais”, afirmou.

No debate, Eliete Paraguassú falou sobre a necessidade de se construir essa irmandade entre as mulheres para resistir a esse tipo de violência; enfatizou novamente os inúmeros ataques que vem sofrendo através de notas e ameaças. “Por que esses ataques são aonde são?”, indagou. “Por que a construção da ponte para Itaparica não é realizada a partir da Barra, um bairro de elite em Salvador, já que é o ponto mais próximo de Itaparica? Por que ele deve passar pela Avenida Suburbana?”. Afirmou que não há projeto político que leve em conta e atenda a todos os 41 mil pescadores que habitam a Baía de Todos os Santos. A questão fundamental então é que a população residente da Barra não será incomodada por possuir os recursos financeiros e políticos necessários, e assim, as violações de direitos deverão ser realizadas contra os pescadores na Baía de Aratu.

Retomou sua fala quando diz que o racismo que vivenciam atinge diferentes aspectos de suas vidas, sendo um racismo ambiental, alimentar, que atinge a sua saúde, e que hoje esse racismo não é mais camuflado, se apresentando de forma muito explícita, de modo que é notório o conhecimento de quem pode e quem não pode morrer. Reafirmou que vem pelas águas e que é semente de um território negro, um território africano que conseguiu preservar um modo de vida ancestral que herdaram, possuindo traços corporais e culturais que os distinguem do resto da sociedade brasileira.

Sobre a força dessas mulheres em luta na Ilha de Maré, Eliete afirma que em outros lugares também são as mulheres que tomam a dianteira do processo de resistência, e que acredita que os homens tendem a ser mais cooptados que elas, porque elas tendem a possuir um vínculo mais forte pela preservação da vida e da manutenção da família. “O capital não dorme para matar o nosso povo!”, e ela também não dorme para proteger o seu povo.

Eliete P. relembrou como Salvador também foi construída em território indígena e quilombola, como Periperi, Paripe, Itapuã; que são estes povos que são os guardiões da vida, da natureza, e que o capital precisa abater essas pessoas para dar continuidade ao seu modelo de desenvolvimento. “Sou de Oyá, sou das matas, das águas, do barro”, “é a força da natureza que nos mantém vivos para defender o bem-viver, a vida das pessoas e do ambiente”; mas essas mulheres também se cansam, também choram e precisam de ajuda nesse momento de incertezas; pois o racismo opera de diversas formas, adentra sem nem a gente perceber na própria comunidade, contribuindo para a desmobilização das pessoas, e assim, elas também precisam de ajuda.

Luciana Ramos (Mapa de Conflitos/Fiocruz) enfatizou o modo como essas experiências de luta rompem fronteiras trazendo a experiência que teve em Chocó na Colômbia e a contaminação do Rio Atrato pela mineração, que deixou de prover peixes a sua comunidade. Após uma série de lutas, o rio foi juridicamente considerado como um sujeito de direitos, havendo ali todo um movimento de mulheres que estão à frente do processo, lutando pelo direito de poder pescar, lavar suas roupas, viver em comunidade, apenas. Luciana ressaltou o lugar das mulheres nesses processos, da sororidade, da dororidade²⁸, da matripotência, uma vez que em comunidades negras e indígenas a vivência das mulheres que são atingidas por esses empreendimentos do capital são muito similares; falou também sobre como a contaminação por minérios também ocorre no Complexo do Tapajós em Miritituba, com o povo indígena Munduruku e ribeirinhos; e da importância da energia de comunhão, do cultivar da energia de construção coletiva para

28 PIEDADE, Vilma. Dororidade. Editora Nós: Rio de Janeiro, 2017.

se resistir.

Silvana falou que as histórias do povo indígena e dos povos tradicionais de matriz africana se entrecruzam nas ameaças de negação da sua existência; e na luta contra esse extermínio, é fundamental o lugar dessas mulheres que se colocam na linha de frente. Trouxe como a sociedade colonial quis colocar a figura da mãe dentro de uma perspectiva engessada, de cuidado e servidão, que precisa carregar todas as dores da família, sem poder descansar, perspectiva que é reproduzida no neocolonialismo do nosso tempo. Falou sobre como a pandemia impossibilita que o povo tradicional de matriz africana tenha acesso ao capital cultural, e ao mesmo tempo, agrava as possibilidades de conseguirem promover a soberania alimentar em suas comunidades, além da violência que já sofrem cotidianamente; que é preciso “alimentar os nossos”, dar a eles o que comer, dando novo sentido ao que consiste se alimentar; que este cansaço atinge essas mulheres e como isso se relaciona também com o apagamento de sua identidade seja através do genocídio, seja pelo epistemicídio e etnocídio.

José Pedro da Silva Neto (coordenação do projeto de pesquisa “Saúde coletiva e povos tradicionais de matriz africana para a promoção de soberania e segurança alimentar e nutricional (SSAN)/ Fiocruz), no que tange aos racismos a que os povos de matriz africana estão submetidos, afirmou que as perspectivas que circulavam pela oficina não se opunham, mas se complementavam. Defendeu que o racismo ambiental, como suas outras variantes se fundam na negação de humanidade dessas pessoas, então seria importante compreender e tirar esse S da palavra racismos. Ao mesmo tempo, afirmou que essa variação conceitual é importante sobretudo “para fora”, uma vez que esses adjetivos nos ajudam a comunicar com a sociedade. Enfatizou que o processo por que passou os povos africanos em diáspora não tem nada de romântico, nem nada de bonito, que é uma violência que não parou, que não tem pausa; que é fundamental sempre destacar que essa diáspora foi uma diáspora forçada, e isso muda tudo. Trazendo Fanon falou sobre como é importante que este racismo saia do subterrâneo, que de fato ele seja explicitado para que possa ser melhor combatido.

Sobre a questão de gênero e o que foi trazido como “matripotência”, José Pedro da Silva Neto ponderou que apesar dos

pontos de convergências com Oyèrónké Oyěwùmí, sua experiência está localizada e não pode ser tão rapidamente transposta para outros lugares. Compreende essa diferença hierarquizada entre homens e mulheres como sendo parte de uma perspectiva eurocentrada de mundo, mas outros povos constroem outras relações onde o homem não está acima da mulher e nem a mulher está acima do homem, havendo um eucentrismo nas pesquisas de gênero em geral que vão universalizar a dominação masculina. Assim, não seria o caso de defendermos uma inversão de papéis, inserindo a mulher em um lugar de poder correlato ao homem, mas nos perguntarmos como reconstruir outras formas de relação na diferença, nem um patriarcado, nem um matriarcado. Citou também a importância de trabalhos como de Ruth Landes (A Cidade das Mulheres) e de Teresinha Bernardo (Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu) nessa discussão; que apesar das críticas que podemos fazer a certos trabalhos antropológicos, muitos não podem ser simplesmente jogados fora, pois trazem a vida e as experiências das pessoas com quem esses antropólogos estiveram.

Marina T. agradeceu pelas falas e trouxe a reflexão de como podemos pensar essas redes e encontros como estando sempre sendo tecidas e re-tecidas para além do humano; trouxe também o conceito de confluência do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nêgo Bispo, segundo o qual a cosmologia dos povos politeístas se baseia na multiplicidade dos seres e dos encontros, segundo a qual nem tudo que se ajunta se mistura, isto é, que os encontros devem saber respeitar as diferenças para que sejam vitais.

As falas e o debate despertaram na relatoria escrita um sentimento muito forte de continuidades. Desde a saudação inicial à Iemanjá, e a imagem da travessia do Atlântico pelos africanos escravizados, a calunga grande, onde muitos ficaram e outros chegaram até aqui. Com mais dor que emoção, sentimos uma necessidade muito grande de pensar em meios de como escapar desse cenário, vindo à memória o modo como nossos ancestrais, mesmo diante de toda a dor e violência, foram capazes de fugir e criar territórios diversos onde a vida se faz possível apesar de toda a dor, vidas com dignidade em que é possível afirmar outra forma de viver. Talvez, o que haja de diferente nesse momento seja o desafio que se coloca de enfrentar a sensação de que

não há mais refúgio.

Outra questão muito comentada foi: o que significa esse grande Racismo, no singular, com letra maiúscula, que vai se desdobrar em adjetivos, mas que tem como fundamento comum o desejo de eliminação do modo de vida de um povo. Como podemos pensar que esse Racismo tem um modo de funcionamento e um ponto de vista que deseja ser majoritário, deseja ser total, e por outro lado existem forças minoritárias no mundo que não tem esse desejo, ou melhor, não cultivam esse desejo, o conjuram a todo tempo, desejam apenas viver em paz. Pensar desse modo talvez nos possibilite escapar de alguns becos sem saída que o capitalismo nos coloca. Diante desse racismo que se infiltra em nossas comunidades, como disse Eliete, como é possível haver um compartilhamento de técnicas de proteção e cura, políticas, existenciais, estratégias de guerrilha nessa pandemia que já dura mais 520 anos. Como disse Baba Odesi no encontro anterior, a palavra tem força, ela tem o poder de criar vida. Para isso talvez seja necessário estarmos atentos a sempre conjugar a guerra, a reação à opressão, com estratégias de criação de territórios e autonomia, nunca se deixando engolir completamente nem por um, o que nos enfraqueceria, nem por outro, o que poderia nos levar a uma indiferença à dor de nossas irmãs. A vida sempre acha um caminho.

2.3.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele

RACISMO: uma pandemia de mais de 500 anos

Racismo(s) - entre singular e plural,

é alimentar,

ambiental,

linguístico,

religioso,

cultural,

é ESTRUTURAL.

parafraseando O Rappa:

“Monstro invisível que comanda a horda
Arrasando tudo como é de praxe”
processo que nos impõe negação de identidade
à partir de uma construção de colonialidade
que ‘tem por bandeira um pedaço de sangue
onde flui a correnteza do canal do mangue’ (Elza Soares)
mas em redes de pesca entrelaçamos fios
que interligam humanidade e coletividade
preenchendo vazios
cheios de subjetividade.

salve Adriane e todas as vidas impactadas
pelo alto índice de contaminação infantil
sacrificadas por um interesse fabril e mercantil

desenvolvimento que coloca em risco toda forma de vida,
NÃO É DESENVOLVIMENTO
e nós seguimos no comprometimento
da luta pelo direito de sobrevivência e existência
interligando as matri potências
que deságuam, ventam, pingam, jorram

então pausa, repousa... e se renova no ciclo das águas
de onda em onda
banhadas pelas yabás

a luta pelo meio ambiente, não é só dos ambientalistas
entre marés cheias,
tempestades e brisas
'coração do mar é terra que ninguém conhece'
mas a luz dos saberes ancestrais nos resplandece.

2.3.2 - Relatoria gráfico-imagética por Gabriel Gabiru



2.4 - 2ª Oficina de Introdução ao Documentário e sua Discussão Estética

A 2ª Oficina (4ª reunião coletiva) ocorreu no dia 31 de maio de 2021, e teve um caráter um pouco diferente das reuniões anteriores. A oficina foi conduzida por Vladimir Seixas e Luis Carlos de Alencar da Produtora Couro de Rato, e teve como objetivo fazer uma introdução

ao Documentário, enquanto gênero cinematográfico e sobre a sua discussão estética. Para leitura prévia foi indicado o livro “Introdução ao Documentário” (2010) do autor Bill Nichols²⁹. Nesta reunião também foram apresentadas pela primeira vez as pessoas que passariam a representar cada um dos coletivos ao longo do projeto.

Luis afirmou que a ideia de fazer esta oficina antes de os coletivos começarem efetivamente o processo de roteirização coletiva e gravação tinha como objetivo abrir as possibilidades narrativas que foram se desenvolvendo em mais de um século de história do gênero. Estamos muito acostumado com um certo tipo de narrativa documentária, afirmou, mas por trás dela existem várias possibilidades, potências de documentário que devem ser apropriadas por qualquer pessoa que queira fazer documentário. A ideia seria então falar um pouco sobre que gênero é esse, quais são os limites de se categoriza-lo num gênero, quais são as implicações que existem quando se fala de documentário e a dicotomia entre realidade x ficção. Pois o documentário seria um gênero de cinema voltado para a realidade, ainda assim, dentro do gênero documentário, existem diversos modos sobre os quais a oficina falaria de alguns, ou seja, sobre as diversas formas que se tem de abordar um mesmo fato, um mesmo objeto, uma mesma ideia. Para isso, a oficina teve como metodologia a alternância intercalada entre falas e a exibição de trechos de alguns filmes.

“A arte de contar histórias a partir das imagens é muito antiga”, afirmou Luis. Como exemplo, apresentou um Teatro de Sombras da China, arte de 5.000 anos, tida pela área de estudos do pré-cinema como a primeira experiência desse tipo. Em seguida, foi apresentado “A chegada de um trem na estação” (1895) dos Irmãos Lumière, conhecido por ter sido o primeiro filme do cinema³⁰. O primeiro documentário é o primeiro filme, tido como tal, então, junto desse foi feito outro, também muito famoso, chamado “Saída de Fábrica” (1895).

29 Nichols, Bill. Introdução ao Documentário. Papirus Editora, 2010.

30 1 - Teatro de Sombras - Mouse and Cat - Chinese Shadow Puppetry: <https://youtu.be/ZoMoZyX53UU>

2 - Irmãos Lumière - “A chegada de um trem na estação” (1895): <https://youtu.be/1FAj9fjQRZA>

Para Luis, a questão da mistura entre ficção e realidade aconteceu nessa primeira exibição. O documentário já tenciona essa percepção do que é ficção e do que é realidade, porque uma cena que aparentemente tem um registro simples para nós hoje - um trem chegando, pessoas saindo e entrando nesse trem - no dia em que foi exibida pela primeira vez causou um frisson onde as pessoas que estavam no café se levantavam achando que o trem iria invadir as mesas e as cadeiras, tomando susto, assombradas. Então, a relação que se estabeleceu entre o que estava sendo projetado e a plateia já é o primeiro momento em que o documentário vai tencionar a relação entre *ficção* e *realidade*, entre o que é *real* e o que é *ilusão*, desde esse primeiro momento.

Para além dessa forma de se contar a história, Luis também quis trazer outro eixo pelo qual ela pode ser lida, que é o da relação entre documentário, o colonialismo, e como esta invenção vai imediatamente se introduzir numa forma de dominação colonial. A partir desse primeiro momento também, já em 1895, no mesmo mês em que houve aquela primeira projeção o presidente da Associação de Antropologia de Paris, Félix Regnault, faz outra exibição na Exposição Universal de 1895, onde ele mostra uma mulher wolof andando. Ainda que não seja pelo mesmo sistema do cinematógrafo, mas por outro sistema, a cronofotografia, que não vingou, era a modernidade trabalhando a linguagem cinemática, e, desde a sua origem, tendo a África, os povos africanos como um lugar de pessoas e culturas sobre a qual o olhar colonizador iria se debruçar, inclusive a partir do cinema.

Em seguida, foram apresentados três filmagens. A primeira do Félix Regnault, a outra de 1898, um registro de povos da Polinésia realizando uma dança ritual; um dos primeiros registros, senão o primeiro, no território de uma colônia; e também, o terceiro registro que foi feito durante cinquenta anos a partir de 1899, sobre a Guerra Anglo-Boer na região que hoje conhecemos como África do Sul³¹. Para Luis essa dominação colonial não estava somente no plano simbólico de

31 1 - Félix Regnault - Cronofotografias na Exposição Universal de 1895 em Paris: <https://vimeo.com/45543291>

2 - Alfred Cort Haddon - 1898-1899: <https://youtu.be/XuVDciKvJoQ> (Ilhas do Estreito de Torres)

3 - Boer War Material Reel 1 (1899-1900) - <https://youtu.be/7yjD8ofAfd4>

construção de narrativas e de um olhar sobre o africano, mas também produziu “materialidades diretas” na medida em que havia uma política voltada para a proibição de que povos africanos fizessem uso do cinema para produzir suas próprias narrativas. Até a década de 1960 não foi feito filme algum em solo africano, exceto no Egito na década de 1920, e na Tunísia onde fizeram dois filmes. O cinema africano, feito por africanos, filmando africanos, protagonizados por africanos, com línguas africanas só vai começar a existir a partir da década de 1960.

O cinema documentário nasce então como o registro de fatos, de eventos que estão acontecendo, que o cineasta vai até o local e registra. O documentário só vai ter uma construção de narrativa identificada historicamente como tal, a partir do filme “Nanook do Norte” (1922)³², quando Flaherty, seu diretor, vai pegar emprestado do cinema de ficção que estava se consolidando naquela época, o seu método de fazer histórias para trazer para o documentário, que envolvia pesquisa, filmagens de cena, a montagem, essa cena antes dessa, a construção de que algo que tem um começo, um meio e um fim.

Luis ressalta que Flaherty vai pegar elementos de D. W. Griffith, que é tido como o inventor da montagem no cinema ficcional, para adaptar e contar a primeira história tida como documentário da história do cinema. Griffith que é diretor do recente documentário na Netflix chamado de 13ª Emenda. Griffith que vai construir o primeiro longa-metragem da história do cinema que é “O Nascimento de uma Nação” (1915), falando sobre o modo como o cinema construiu a imagem do homem negro, como uma ameaça sexual às mulheres, dando toda a justificativa imaginária para os linchamentos que vão vir nas décadas seguintes, o que também é desenvolvido no filme “A 13ª Emenda”.

Após a apresentação da cena da caça de uma foca em “Nanook”, Luis elaborou sobre sua complexidade para a história do documentário, sobretudo na relação entre realidade e ficção, e que têm uma série de consequência político-filosóficas. Sobre essa mesma temática Luis trouxe o cineasta Carlos Nader, e como ele elabora sobre o sentido de ficção como o processo de dar forma, o que seria muito similar ao que o

32 Flaherty - Nanook do Norte: <https://youtu.be/lkW14Lu1IBo>

documentarista faz, que é observar e captar imagens do que chamamos de mundo real que é a matéria-prima dos documentaristas que a transformam em linguagem, a transformam numa história. Contudo, haveria ainda assim a exigência de se manter uma relação ética com o espectador de sempre se estar evidenciando que se trata de um filme. Por mais que se brinque com a ilusão, por mais que se conte uma história, defende que não se pode fazer do objeto filme uma realidade de mundo propriamente dita. É um objeto estético que precisa ser assumido como tal para que não se torne um objeto de dominação, um objeto de imposição do real. Em um sentido oposto, Luis falou sobre o cinema de Vertov, como uma experimentação na comunicação cinemática, sem uso de intertítulos, que eram as cartelas, sem ajuda de cenário, e sem a ajuda do teatro³³. O que alguns críticos vão chamar isso de uma linguagem cinema-cinema; que tem potência poética muito grande e é tido como vanguarda dos documentários de hoje.

Por fim, Luis falou sobre a escola que vai dar as bases para o documentário mais tradicional, a escola britânica, cujos elementos principais são o discurso direto, a presença de um problema social, a necessidade de um engajamento político, uma “voz de Deus”, onisciente, que vai induzir o espectador a ter uma compreensão, segundo ela, do que está sendo visto. É no filme da principal referência dessa geração, John Grierson, que pela primeira vez, num documentário alguém é interposto por uma pergunta e responde para a câmera; primeira vez que a entrevista direta é um elemento da narrativa e, desde então, nunca mais vai deixar de ser, inclusive se tornando um dos elementos mais utilizados em documentários³⁴. A perspectiva da escola britânica é tratar de um problema social de modo mais objetivo no sentido de informar.

Luis finalizou sua fala com a reflexão de que de ciclos em ciclos, a tensão entre o documentário como o espaço de real ou como um espaço que é uma encenação ou uma ficção, ou uma poética, já está desde o início sendo perquirido, sendo pauta da sua trajetória, não sendo

33 Vertov - O homem da câmara (1929): <https://youtu.be/auFNysJG1v0>

34 Drifters - Grierson <https://youtu.be/RUOiTNnNFvI>

Housing Problems - Arthur Elton y Edgar Anstey: <https://vimeo.com/4950031>

diferente nos dias de hoje. Segundo ele, hoje estamos num novo capítulo desse debate das imagens como real, imagens como representação, imagens que correspondem à verdade, imagens que são fake-news. A discussão está atual hoje não só pela elaboração de narrativas mentirosas, mas pela pergunta o que seriam narrativas verdadeiras? Não só pela denúncia a narrativas com propostas de dominar a partir de uma elaboração de real mas pela busca do que seria o oposto disso, o que seria uma narrativa de real libertadora? Isso tudo é a atualização do debate da imagem e da sua relação com o real e também da imagem e sua relação com o poder. E termina afirmando que o documentário se inicia também como dominação, como colonialismo, como forma de supressão e domínio sobre o outro, mas também se perpetua como poesia e liberdade.

Com base na bibliografia indicada para a oficina - “Introdução ao Documentário”, de Bill Nichols -, Vladimir Seixas (Couro de Rato) deu continuidade à introdução apresentando um mosaico geral dos modos de se fazer documentário, cujos detalhes podem ser acessados na relatoria específica da oficina. Para este relatório final iremos apenas elencar os modos citados e explicados e indicar os filmes que foram apresentados como exemplos de cada um deles. São eles: Modo expositivo³⁵; Modo poético³⁶; Modo observativo³⁷; Modo participativo³⁸; Modo reflexivo³⁹; Modo performático⁴⁰; também comentaram sobre os modos híbridos, em que há uma mistura dos outros modos⁴¹, o documentário animado⁴² e alguns ligados intrinsecamente à encenação/ficção/performance⁴³.

35 - Geraldo Sarno - Viramundo: https://youtu.be/QFP--zJ_3pk

- Joel Zito Araújo - A Negação do Brasil: <https://youtu.be/EvNPhyS863o>

36 - Jores Ivens - Chuva: <https://vimeo.com/11358153>

- Cao Guimarães - Da Janelo do meu quarto: https://youtu.be/UFxK3431I_E

- Daniela Muzi - O que nos move: <https://youtu.be/ociUUGBJRfA>

37 - Maria Augusta Ramos - Juízo: <https://youtu.be/mQaK1P5TldU>

38 - Eduardo Coutinho - Edifício Master (trecho): <https://youtu.be/ksfSqLDFIxc>

39 - Mocarzel - À Margem da Imagem (2003): https://youtu.be/EB7A__uVQ9E

40 - Michael Moore - Tiros em Columbine: <https://youtu.be/X5QwnQUqZeA>

- Joel Zito Araújo - Início do fim: <https://youtu.be/ED5JXxJqHNM>

41 - Coletivo Bodoque - Estamos todos aqui: https://youtu.be/_hRNIHyP3c

42 - Camila Kater - Carne: <https://youtu.be/4ZeaX37EGnM>

43 - Documentários ligados intrinsecamente à encenação, à ficção e à performance:

Jorge Furtado - Ilha das Flores: <https://youtu.be/8iGNqVhqNIs>

Alma no Olho - Zózimo Bulbul: <https://youtu.be/m3LcVNbFLW4>

No debate, a discussão da oficina gerou em torno das possibilidades de caminhos para este documentário sobre os povos de matriz africana, em que foi sobretudo enfatizado que não há necessidade de restringir a criação a apenas um tipo de possibilidade, sendo muito mais interessante a mistura de elementos, levando em conta os limites do projeto; não para construir uma grande narrativa, mas uma que venha de baixo, a partir do cotidiano dos próprios coletivos; que fale da saúde, do alimento, do racismo, da relação com a natureza, não só enquanto denúncia, mas também de anúncio sobre outros mundos possíveis.

Na saudação tradicional final Babá Phil (RS) apresentou uma oração de sua autoria ao Tempo, que no candomblé angola é uma divindade-inquice:

“O Tempo tem seu tempo e a todos ele comanda.

Ele jamais avança ou retrocede nem foge à regra a qual todos os seres estão submetidos.

Ele esteve antes do princípio e estará depois do fim sem mudar seu jeito truculento de tudo fazer.

E aqueles que não se sujeitam, em algum momento sucumbem ao próprio tempo.

Todos pensam ter seu próprio tempo enquanto Ele... Ele passa.

E consideram que seu tempo é superior, mais caro, mais valioso que o dos demais. Enquanto isso o verdadeiro Tempo passa igual, para tudo, para todos, equânime, isônimo, sem beneficiar a ninguém.

Cabe a cada um saber aproveitar o pedacinho de tempo que o próprio Tempo nos permitiu ter.

Saber valorizar o seu próprio tempo é uma dádiva, mas ainda maior é saber valorizar o tempo daqueles a nossa volta e com isso equalizar a lógica do existir, fazendo com que todos tenham o tempo que o próprio Tempo nos dá.

O atraso não é outra coisa senão o desequilíbrio deste ciclo; quando não honramos o tempo de alguém, o estamos consumindo sem dar a oportunidade que o outro possa ele aproveitar. Mas o Tempo tem sua

lei, indistinta e implacável. Todo o dia queremos ter mais tempo, para alguém ou com alguém, mas ao Tempo não interessa vontades: ele não para pra ninguém.

Respeite o senhor Tempo para que tenhamos tempo de ser, estar e fazer o que der... no nosso tempo.”

Babá Phil

2.4.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele

DOCUMENTA(RIO)

Que as águas que caem hoje

lavem toda a negatividade

que conduzem o fio

dessa filmagem.

arte de contar histórias a partir de imagens,

fazer uso da ficção para alcançar a verdade,

moldar o que existe e transformar em linguagem.

a imagem na sua relação com o poder e o real,

é ferramenta de dominação colonial

e como registro histórico

abrimos essa discussão estética

realidade ou ficção?

documentar ação, reação

construção de narrativas

“da janela do meu quarto”

à “margem da imagem”

eu posso ver

uma câmera quase invisível,

verossimilhança do que temos vivido...

mas o que de fato parece a realidade?:

expositivo

experimental

participativo

observacional

reflexivo

performático

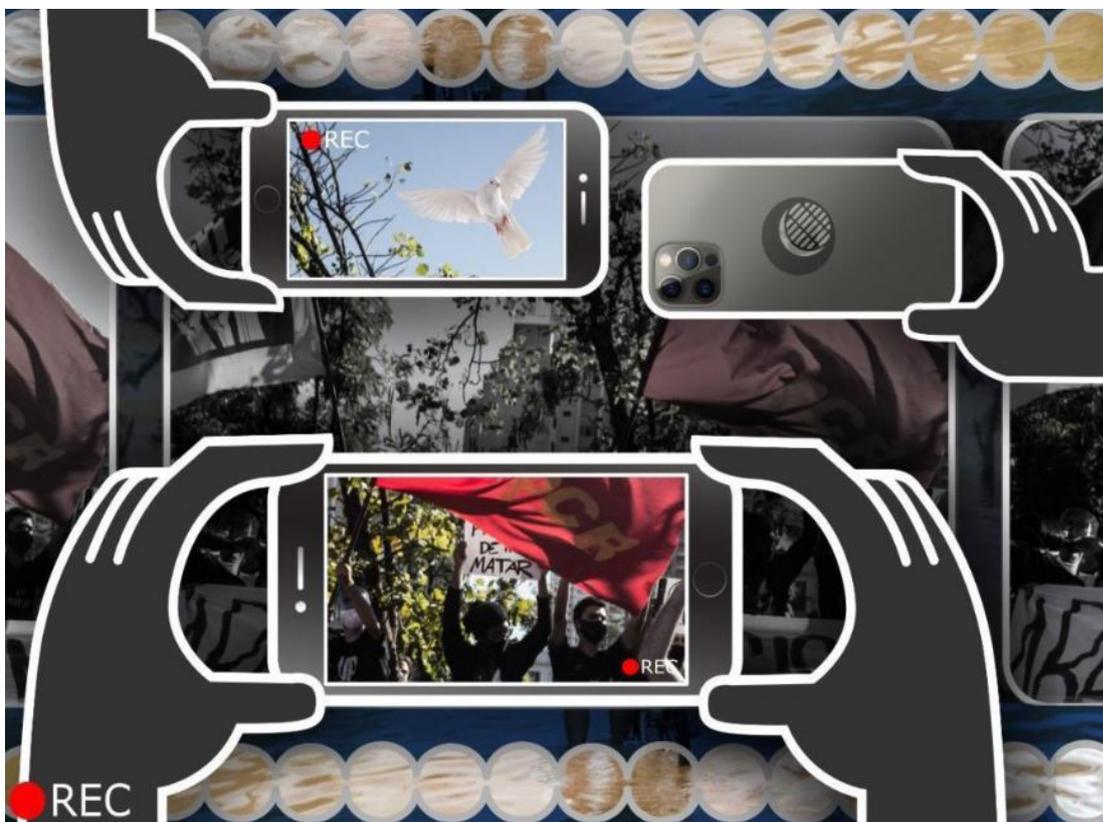
modos de fazer documentário do documentário?!?!

Sem tornar imposição do real

Por um cinema mais inclusivo e qualitativo

Damos início a esse roteiro coletivo.

2.4.2 - Relatoria gráfico-imagética Gabriel Gabiru



2.5 - 3º Encontro de criação co-labor-ativa: Alimento

Finalizando o ciclo de encontros e oficinas temáticas antes do subprojeto ingressar no processo de roteirização coletiva propriamente dita, no dia 11 de junho de 2021 foi realizado o 3º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa (quinta reunião ampla), com o tema “Soberania alimentar e alimentação biomítica”. Para este encontro foi elaborada uma ementa com as questões fundamentais que seriam debatidas naquele dia: O que é saúde para os povos tradicionais de matriz africana? O que significa segurança e soberania alimentar e nutricional enquanto denúncia e anúncio no contexto das unidades territoriais tradicionais (UTTs)? O que são alimentos essenciais no contexto dos POTMA? Que vegetais, verduras, frutos, folhas, flores e sementes; animais; outros elementos como água e quedas d’água, pedras, cristais, pratos e copos? Como os alimentos chegam nas UTTs? O que é produzido na UTT, o que chega e o que sai? Como tais alimentos devem ser produzidos e preparados? Qual a sua relação com a luta contra os agrotóxicos, a saúde e segurança alimentar? Quais territórios e paisagens são necessários de serem acessados e construídos para a produção, aquisição e preparo dos alimentos e materiais utilizados pelos POTMA nas UTTs? Quais as principais dificuldades e ameaças nas várias UTTs em relação aos alimentos?

A ementa também afirmava e trazia a formulação de que a tradição de matriz africana vigente no Brasil vem sendo mantida por um povo que é Tradicional, por resistir com sua oralidade na forma de educação, a circularidade como forma de organização social e política, a natureza como divindade. Também trazia a centralidade do corpo, o ponto zero do campo perceptivo, compreendido como um “corpo- território”, nas palavras de Muniz Sodré.

O encontro contou com a facilitação de Kota Mulanji, Regina Barros Goulart Nogueira, médica pediatra e integrante do Fonsanpotma; e Juliano Palm, pesquisador do Neepes/Fiocruz, doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Além disso, teve dois textos indicados para leitura prévia: a coletânea “Mulheres e Soberania Alimentar: sementes de mundos possíveis”

(2019), organizada pelo Instituto de Alternativas para o Cone Sul - PACS; e o artigo “Produção audiovisual nas lutas dos movimentos sociais do campo no Brasil: dimensões comunicacional e epistemológica” (2016), de Marina Tarnowski, Inesita Araujo e Marcelo Firpo; além dos filmes “O Veneno Está na Mesa 2” (2014) e o “Fio da Meada” (2019).

Em sua fala, Regina Nogueira se apresentou como Kota Mulanji Mona Kelembeketa, do terreiro Loabá em Osasco, São Paulo, filha de Mameto Kidandalakata, neta de Loabá (<http://terreiroloaba.blogspot.com/>), sendo que é deste território que ela traz seus aprendizados, mas que são conhecimentos comuns às pessoas da tradição de matriz africana; e que seu papel é ser uma tradutora entre mundos, o mundo da tradição de matriz africana e o mundo dos brancos, este não no que se refere à cor da pele, mas às ideias e princípios que distingue e agregam esses povos, mesmo nas diferenças.

Ensinou que o conceito de “povo tradicional de matriz africana” visa distinguir o conjunto de pessoas que são descendentes de um sequestro, um holocausto que é a escravidão, mas ainda assim, resistiram com sua língua, sua forma de organização política e social, que definiu como baseada na circularidade e na horizontalidade; e que tem como forma de educação a oralidade. Segundo Kota Mulanji, essa oralidade perpassa não só pelo o que se fala, mas pelo o que é vestido, pelo o que se usa no pescoço, por onde se senta, e o que se come. “O alimento faz parte dessa linguagem de passar informações. A dança, a roupa, o que eu como, como eu como, é uma linguagem”, afirmou. O documentário enquanto forma de se passar conhecimento, usa imagens, falas, usa o que ele capta no olhar da fotografia e nós usamos essa vivência do que eu visto, do que eu danço, de como eu ando, como uma linguagem e essa foi a forma de resistência. A resistência de dançar, dançar para comer. Disse: “O único momento em que eu sou realmente livre é quando eu estou dançando na minha tradição”.

Kota Mulanji também falou da recusa à comida que era servida na escravidão, e como o colonizador desenvolveu uma ferramenta de tortura para abrir a boca do escravizado, como o *foie-gras*, obrigando-o a comer. Então, o alimento era importante tanto para o sequestrado quanto para o escravizador, uma vez que ele sabia que precisava mantê-lo alimentado, mas o fazia com uma ração, sem os cuidados tradicionais,

sem a alimentação coletiva ritual.

Outra ideia que desenvolveu foi a de que todo povo tem uma “unidade territorial”. Se para o povo indígena esta unidade é a aldeia, para os povos tradicionais de matriz africana esta unidade é o terreiro, ilê, manzo, barracão, casa de axé, é a roça, na qual se tem uma alimentação tradicional que é compartilhada com a natureza, e aí está o motivo e importância da associação que fazem com os camponeses e com a agroecologia, uma vez que não podem compartilhar com a natureza algo que a destrua. Daí vem o seu posicionamento contrário ao uso de agrotóxicos, contrário à destruição da terra, à mineração, e à utilização de qualquer elemento que fere a natureza.

Assim, o “alimento tradicional” é todo aquele que é produzido sem nenhum tipo de sofrimento a nenhum tipo de ser vivo. Por isso, uma frase muito comum nos terreiros é a de que os animais que serão oferecidos não podem estar machucados, nem sujos, nem chorarem. Assim, afirmou Kota Mulanji que muito antes de Marx, eles dizem que para você comer, é preciso saber de onde aquele alimento veio e como ele foi produzido.

Desenvolveu também sobre o conceito de “segurança alimentar”, que foi criado no pós-Guerra, primeiramente abarcando apenas a dimensão quantitativa e posteriormente o valor nutricional. Para o Fonsanpotma, para se ter segurança alimentar é preciso ter alimentos em quantidade, em qualidade, que não agridam a nenhum ser vivo mas principalmente que respeite as tradições e a regionalidade. Quanto à soberania alimentar, compreendem como a possibilidade de produzir, transladar, beneficiar, preparar, consumir e descartar o alimento de modo adequado à sua tradição, sendo esta a missão do movimento, conquistar a soberania alimentar para o POTMAS, de modo combater o racismo nas diversas formas como ele se expressa. Kota afirmou: “dentro de um sistema racista, um sistema estruturalmente racista, há também racismo na relação com o meio ambiente, na relação de gênero, na relação do trabalho, tudo é racismo!”.

Kota falou sobre o quanto é triste chegarmos à conclusão de que nascer negro no mundo racista, é não ter a possibilidade de se ter saúde. Para o fórum, a noção de saúde não está em contraposição à de doença.

Alguém pode não estar doente, mas não tem efetivamente saúde se não está em equilíbrio com a sua ancestralidade, com o meio-ambiente, se não há equilíbrio social, biológico, psíquico. Assim, o conceito de saúde que elaboram é o de “equilíbrio-bio-psíquico-mental-ambiental-social e ancestral”.

Por isso, também falou do orgulho que sente de ter recebido um novo nome na tradição banto da qual faz parte: “Mulanji”, em distinção ao seu nome de batismo que ainda carrega a herança dos colonizadores. Esse equilíbrio com a ancestralidade não exige uma comprovação de DNA, pois a forma de ser reconhecida com essa ancestralidade é ser reconhecida pela própria natureza, segundo Kota: “Eu sou reconhecida como uma mulher das águas, do fogo, e do próprio equilíbrio entre esses dois elementos. Eu sou uma mulher de Dandalunda, de N’Zazi e Kavungo e isso me faz Mulanji, da energia da água, a energia do fogo, do trovão, o próprio trovão. As pessoas costumam dizer, ah, você é de Oxum, de Xangô e de Obaluayê. Eu costumo dizer, não, eu não sou. Os povos tem visões de mundo diferentes.”

Sobre a noção de corpo desenvolveu:

“O corpo é, como diz o Muniz Sodré, é um corpo-território, nós somos um corpo-território. Por isso é que escravizador não acreditou que a gente sobrevivesse e resistisse, porque ele não imaginava que no meu corpo, pelado, eu trazia toda a informação do meu território. Inclusive às vezes com marcas que mostravam como era constituído esse território. Então, eu sou um corpo território, a todo tempo que eu refaço a minha história com África, ele é ressignificado, ele é ressignificado naquilo que está guardado dentro do meu baquice, dentro do útero coletivo. O nosso útero coletivo. E aí, lá dentro do útero, o nosso corpo está representado. (...) O corpo é o início de tudo, o corpo é esse corpo território.” (Kota Mulanji)

A saúde e o equilíbrio deste corpo-território teria sido tirada pela escravidão e pelo processo racista, assim nos ritos o corpo é ressignificado, consagrado, tal qual a dança e a palavra, que tem um poder enorme. “Tudo é consagrado nesse território. O meu corpo-território, a minha fala, a minha dança, a minha roupa, o meu fio, o meu torço, tudo é consagrado e o meu alimento é consagrado.”, disse Kota. Ao ser consagrado, o alimento é também uma linguagem, com poder de

curar, mas também de destruir.

Nesse contexto, o fórum também utilizará o conceito de alimento biomítico, biológico e mítico, na qual está implicada a centralidade do corpo para os potmas, um corpo coletivo, composto inclusive pelas divindades. Disse Kota Mulanji:

“Quando a gente dança, quando a gente chama, quando a gente faz o sikassambe para o povo banto, ou quando eu faço o xirê do povo ioruba, que antecede a dança da própria divindade, eu estou formando um corpo coletivo, e ali aquele corpo é o único corpo que tem saúde e liberdade.

E então, a ordem do sikassambe é a ordem da formatação dos elementos que formam qualquer elemento da natureza, a folha, a água, o alimento. Eu chamo o ferro, eu chamo o nitrogênio, o grande elemento da mata, eu chamo o zinco, eu chamo o carbono, o elemento que dá a combustão e o fogo. Eu chamo o ozônio, o oxigênio. O oxigênio eu vou chamar ao final. O ar, o grande oxigênio, no formato de ar. Eu chamo todos esses elementos. Eu chamo a alegria, a inocência, tudo que pode constituir um corpo que vai nascer naquele território, eu chamo a água. Um corpo-território coletivo.” (Kota Mulanji)

A título de exemplo para expressar essa noção de corpo-coletivo, Kota falou sobre as quizilas, caracterizadas como tudo aquilo que leva o corpo coletivo ao desequilíbrio. Ainda assim, existem as quizilas coletivas, e as quizilas individuais, uma vez que a singularidade do ser não é apagada ainda que se constitua em coletivo. Por vezes as quizilas se apresentarão como alergias, coisas que se ingeridas, levarão a pessoa ao desequilíbrio que pode se manifestar de alguma forma na pele, em seu humor.

E finalizou sua intervenção falando sobre o modo como o capitalismo ataca as tradições de matriz africana por se alimentarem de animais, em contradição a todo o funcionamento e lógica da indústria da carne.

Em seguida, Juliano Palm fez sua fala tendo como objetivo principal compartilhar as reflexões e formulações que vêm atravessado o trabalho do Neepes, especificamente no que se refere ao tema da alimentação, da soberania e segurança alimentar e a agroecologia com o título: “Alimento, soberania alimentar e nutricional: um olhar a partir do Neepes”.

Iniciou falando sobre o conceito de soberania alimentar da Via Campesina de 2009, que a define como:

“O direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito a alimentação a toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses de produção, de comercialização e de gestão, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental.”.

A partir da perspectiva da necessidade de se tecerem denúncias e anúncios frente aos problemas que enfrentamos, falou sobre a necessidade de construção de uma sociologia das ausências e das emergências COM as experiências territoriais e os movimentos sociais, trazendo como exemplos de trabalhos realizados o “Dossiê Abrasco – Os impactos dos Agrotóxicos na Saúde”⁴⁴; e os documentários “Fio da Meada” (2019)⁴⁵, e “O Veneno está na Mesa” I e II⁴⁶.

Falou sobre os danos dos agrotóxicos à saúde e a participação do Neepes na “Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida”⁴⁷ que há anos articula diversos movimentos e conseguiu ao longo do tempo colocar essa temática dentro do debate público.

Outra importante frente para o núcleo é o “Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil”⁴⁸, cujos casos abarcam em grande medida os desdobramentos socioambientais da modernização conservadora da agricultura e do desenvolvimentismo neoextrativista.

Acerca dos anúncios, isto é, da criação de outros caminhos possíveis, para “além da linha abissal” como irá conceitualizar Boaventura de Souza Santos, trouxe os documentários acima indicados,

44 <https://abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/>

45 <https://www.youtube.com/watch?v=6Y8W0-v1FJ8&t=1696s>

46 <https://www.youtube.com/watch?v=8RVAgD44AGg>; <https://www.youtube.com/watch?v=fyvoKljtvG4>

47 <https://contraosagrototoxicos.org/>

48 <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>

as redes de agroecologia com as quais estão articulados e artigos escritos que abordam a temática, como o “Trajetórias e aproximações entre a saúde coletiva e a agroecologia”⁴⁹. Outro ponto que destacou foi a construção do Encontro de Saberes organizado pelo Neepes em 2019, com o título “O Campo na Cidade: resistências, (re)existências e interculturalidades no cuidado e na alimentação”⁵⁰.

Juliano falou sobre os Referenciais teórico-metodológicos do Neepes; sobre o encontro entre três campos do conhecimento: a saúde coletiva; a ecologia política e as epistemologias do Sul; da promoção emancipatória da saúde através de quatro dimensões de (in)justiças (sanitária/saúde; social; ambiental e cognitiva) e a utilização de metodologias sensíveis e co-labor-ativas.

Outro projeto que trouxe foi o junto ao povo Munduruku do Médio Tapajós, com os quais o Neepes desenvolve um projeto de sistematização de experiências em agroecologia indígena, além de diálogo intercultural e apoio a sua luta contra a mineração.

Juliano também falou sobre os projetos em desenvolvimento com o CEM, Centro de Integração na Serra da Misericórdia, no Complexo da Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro, que integra a Rede Ecológica e a Rede Carioca de Agricultura Urbana, e MSTB, Movimento dos Sem-Teto da Bahia, como duas experiências de articulação entre lutas sociais por moradia, saneamento, saúde e agroecologia urbana no Brasil; ambos presando pelo protagonismo das mulheres dessas comunidades⁵¹.

Citando Boaventura, destacou que o principal objetivo dessas ações parte da compreensão de que:

“A ciência não é o único conhecimento válido, há outros conhecimentos válidos que têm que ser validados por seus próprios méritos. Ou seja, se eu quero ir à Lua, eu preciso do conhecimento científico, se eu quero conhecer a biodiversidade da Amazônia eu tenho que conhecer o conhecimento dos indígenas e das populações ribeirinhas. São elas que

49 <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Qsg8HMWDTqBPtgGys7Krm3P/?lang=pt>

50 <https://www.youtube.com/watch?v=pHQTl5SbXnA>

51 MSTB: <https://www.facebook.com/movimentosemtetodabahia>

CEM: <https://www.facebook.com/CEMIntegracaoNaSerra/>

conhecem a biodiversidade da Amazônia. Temos diferentes objetivos, temos diferentes conhecimentos. A grande parte da população mundial não vive com o conhecimento científico. Os camponeses no Brasil, a agricultura familiar que continua a alimentar os brasileiros, continua a ser uma cultura onde o saber popular, o saber vernacular é muito forte” (SANTOS, Boaventura de Sousa. 2019)⁵².

No debate falou-se da inspiração presente na experiência do Quilombo dos Palmares que expressa a possibilidade de uma vida plena e com soberania alimentar aos POTMAS e pediram que Kota Mulanji falasse mais sobre a noção de “corpo-território coletivo”. Após trazer uma série de reflexões sobre sua tradição, ensinou que o centro de tudo encontra-se na manutenção do movimento da vida. Assim, para os bantus, quando se para de circular, de alimentar, seja fisicamente, com as palavras, as roupas, com o que se tem, já se está morto; e cantou a “Cantiga dos Homens”:

“Quando uma criança vai nascer, uma música é cantada. Aquela passa a ser a sua música, e quando em frente a uma dificuldade você se perde, quando eu me perco na minha função, cantam a minha cantiga, quando eu vou para um momento desses marcantes da minha vida, cantam a minha cantiga, e quando eu me vou para a massa de origem, cantam a minha cantiga. E quando lembrarem de mim no dia do meu aniversário, e forem comer a comida que eu mais gosto, vão cantar a minha cantiga.

O alimento ele está no nascer, no viver e no morrer, de toda coletividade e do corpo como um todo. (...)

Volta e meia eu digo, eu estou cansada, não aguento mais, eu vou desistir, aí alguém grito “Mulanji!”. Pronto, eu tenho que voltar pra luta porque o meu nome quer dizer combatente. E eu não posso, eu tenho que lembrar quem eu sou para esse coletivo.”

“O Sankofa: eu tenho que ter os pés no presente, olhando para trás, mas fazendo já o futuro. Eu tenho que caminhar para frente, mas com os pés no presente. Eu não sei explicar muito, porque é viver. Eu não sei traduzir em palavras esse corpo-território coletivo. Eu sei que, se tudo me tirarem, eu vou sobreviver com o que eu tenho, porque está no meu corpo, está gravado aqui.” (Kota Mulanji)

52 Entrevista com Boaventura de Sousa Santos, conferencista de abertura da 39ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd – 2019

Kota Mulanji também comentou sobre o papel da ficção e como alguns filmes parecem antecipar um futuro, cada vez mais marcado pela falta de água e de alimentos. Falando sobre como a tradição pode conter elementos importantes para a sobrevivência das pessoas nesses contextos de ruínas. Como um “corpo-território coletivo”, tal qual o Kilombo dos Palmares:

“A palavra kilombo que nós lutamos para escrever com k e não com qui, porque com qui me leva a pensar que o kilombo foi constituído depois da escravidão, e kilombo já existia em cambinda, em matamba, em todo o território banto existiam kilombos contra o colonizador. O que nós estamos fazendo aqui, buscando como Fonsanpotma, é refazer o Kilombo dos Palmares.” (Kota Mulanji)

Juliano retomou o conceito de soberania alimentar e os modos que temos de descartar nosso próprio alimento; falou das experiências do CEM e do MSTB e sua parceria com o Neepes; do protagonismo das mulheres e de como diversos movimentos tem visto a cozinha como esse espaço de trincheira; da importância de darmos visibilidade à diversidade dos processos de luta e experiências diversas; de pensarmos *com* as experiências.

Kota Mulanji finalizou dizendo gostar da ideia de um fio condutor, uma cantiga que faz as pessoas retornarem para casa, se lembrarem de quem são. Fazer isso é como montar um grande banquete em cima dos escombros, para dizer que “combinaram de nos matar, mas nós decidimos viver”.

2.5.1 - Relatoria poético-musical por Jessica Marcele

Carta às que vieram antes de nós

•Correspond(e a ess)ência•

[Selo]

São Paulo, xx de yyyyy de zzzz.

Queridas,

Há tempos não nos falamos. Mediante a tecnologia do novo século-milênio, o contato é cada vez mais virtual e menos corriqueiro.

Já não nos encontramos mais semanalmente, rodeadas do madeirite que nos guardava e nos escondia ao mesmo tempo.

O lobo mau soprou o coração da matriarca, e ele nem era de madeira tampouco de palha. Derrubou as estruturas que aparentavam ser tão firmes como os blocos outrora carregados por suas mãos hibridamente macias e calejadas.

Mãos que por uma única vez, puderam tocar as chaves que abririam portas de uma nova história, um novo caminho.

E esse corredor nos parece tão estreito não é mesmo?

Com obstáculos que apenas se transformam mas permanecem ali, pra que outras de nós também tenham de enfrentá-los. Parafraseando Daiany Pontes: “parece que é cíclico”, e eu me vejo correndo como uma hamster presa, andando-andando e não saindo do lugar.

É tão cansativo.

O que de fato é a exaustão?

Quando corpo e mente já não se conversam mais?

Como vocês conseguem abraçar o mundo com os mesmos braços que carregam a sacola da feira, descendo e subindo a ladeira?

Tendo em seu colo 19 netas(os) e 11filhas(os) de um lado, e do outro 6 filhas(o) sem ter a chance de conhecer as netas.

A vida é tão rara, e pedir um pouco mais de paciência é tortura.

Aqui nada acaba em pizza, porque a gente tem sempre que dividir os pedaços, os cacós, os filhos..

Mas tudo começa com alguns bolinhos de chuva, mais água no feijão, e um cafézinho.

Vivemos em ciclos que terminam e se iniciam simultaneamente, quase não dá tempo de respirar, sorte a nossa que é automático.

Por que diabos tenho de passar pelas mesmas coisas que vocês tiveram de passar há décadas atrás? Por que diabos vocês tiveram de passar pelo o que passaram?

Relacionamentos frustrados, autoestima dilacerada, e toda uma personalidade construída em cima de um boomerang que vai e vem o tempo inteiro.

Mas somos nós as erradas, as imperfeitas, somos nós as desejadas pra cama mas nunca pra andar de mãos dadas. Somos nós as impostoras, as adúlteras, as impuras, as objetificadas!

Donas do próprio corpo?

Qual deles? O nosso ou que construíram para nós?

Aquele que vemos na tv ou no espelho?

E tem dias que eu não gosto mesmo do que eu vejo! Logo eu que nasci míope..

São nas suas mãos que eu me enxergo.. no tato.. e no tanto que elas me seguram!

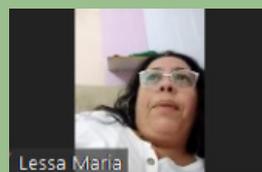
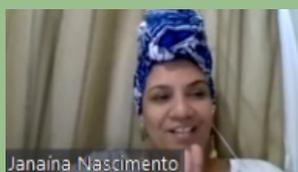
É nas nossas mãos que lemos as linhas do nosso passado, porque pra seguir em frente é necessário olhar pra trás. E com elas dadas umas às outras, a gente consegue se manter ao lado, dando passo por passo.. “ok garotas, agora é hora de entrar em formação!”
[Referência à música de Marília Casaro (Luja Luja):

“Eu já morri de fome hoje não morro de mais nada!”]

2.5.2 - Relatoria gráfico-imagética por Lorena Portela



3. OFICINAS DE Roterização



Após o encontro do dia 11 de junho de 2021, em que foi discutido o sentido de alimento para os povos tradicionais de matriz africana, o subprojeto ingressou em um segundo ciclo de oficinas que consistiu efetivamente na roteirização coletiva do filme-documentário, em reuniões quinzenais entre 25/06 e 08/10.

Nesta publicação de experiências em pesquisa descreveremos cada uma dessas oficinas de roteirização –, buscando fazer um apanhado geral sobre sua metodologia sensível e co-labor-ativa e o resultado final que serviu de base para a elaboração do filme, e que sofreu algumas modificações posteriormente.

Até o início de junho só havia ocorrido uma primeira apresentação dos territórios durante a 1ª Oficina de Reconhecimento e Troca no dia 30/04/2021, com o tema Oralidade e Documentários nas Lutas Sociais, em que foram apresentados alguns vídeos e fotografias organizados por cada coletivo, formados em sua maioria por pessoas que não trabalham com filmes, ainda que algumas tenham algum contato com produções audiovisuais.

Ao final da oficina do dia 11/06 (Alimento), foi realizado um rápido debate em que algumas ideias já teriam sido suscitadas, entretanto, ainda demasiadamente amplas, sem trazer efetivamente ideias concretas ou conceituais de imagens, poemas, canções. Foi lembrado da importância das pessoas se permitirem ser encantadas por sua própria experiência, pois o processo criativo não é só argumento geral.

A partir desta metodologia, este segundo ciclo por sua vez também pode ser subdividido em algumas etapas distintas. Em um primeiro momento foi realizada uma escuta inicial das ideias de cada um dos coletivos, seguida dos comentários, sugestões e críticas da coordenação do projeto e da produtora Couro de Rato. Nos dias 25/06 e 09/07 todos os coletivos foram escutados. Já o dia 30/07 foi direcionado a uma escuta mais minuciosa, com mais tempo de discussão, dos coletivos do Pará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No dia 06/08 foram escutados os coletivos do Distrito Federal, Minas Gerais e Rio Grande do Norte.

No dia 17/09 novamente reuniram-se todos os coletivos a fim de consolidar a proposta de roteiro de cada um. Neste dia também foi apresentada uma proposta de metodologia ao final para que fosse

possível nos dois encontros seguintes construir o que se convencionou chamar de “Roteirão”. Isto é, o roteiro do filme em geral no qual o que havia sido construído por cada um dos coletivos se entrecruzasse, com transições que fizessem algum sentido e um fio condutor.

A proposta apresentada de que cada coletivo escrevesse no aplicativo do mapa mental a partir de temáticas específicas (racismo, alimentação, conflitos socioambientais, etc.), se mostrou infrutífera. Então, no encontro seguinte, no dia 1º/10, foi tecida uma proposta de entrecruzamentos durante a oficina mesmo, que em seguida foi consolidada no dia 08/10 no seguinte formato:

1.

COLETIVO	Rio de Janeiro e DF
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 1, cena 2 e Cena 3
CENA	Travessia Africa-Brasil Quilombo (somado ao DF - Conto tradicional: parte 1)
ROTEIRO	Filmagem da gameleira, da raiz à copa, circundando como se fosse uma pessoa vendo, enquanto se reproduz uma narração que fala da “Árvore do Esquecimento”. Finaliza mostrando o assentamento de Iroko, depois avança para a copa da árvore e uma transição audiovisual para o mar. A camera se aproxima da agua até entrar nas ondas e depois sai dela como se acompanhando uma multidão correndo mata a dentro.
	<p>“Início do conto tradicional: parte 1 Narrativa em audio enquanto se reproduz o cena do o final da cena 2 e durante a cena 3 do coletivo do RJ.</p> <p>https://books.google.com.br/books?id=UnaZCAAAQBAJ&pg=PT61&lpg=PT61&dq=onde+est%C3%A1+meu+pai+matenda&source=bl&ots=l3njf05Gvm&sig=ACfU3U2bCjK9hZJUTTQBz7GHyqfVsNLTsA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi1l-DX0bPzAhXQGbkGHTjKDZsQ6AF6BAgwEAM#v=onepage&q=onde%20est%C3%A1%20meu%20pai%20matenda&f=false</p>
ENTREVISTAS	“ https://www.youtube.com/watch?v=cwLV8zJuQIQ Paragrafo Inicio do conto, pai partindo para a mata, não retorna e os filhos param de procurar: esquecem do pai.”
	-

2.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/PARTE	Eixo 1 – Cena 1
CENA	Passeio – Cena 1 (Apresentar UTT, autoridade tradicional até a saída para o início da ida) somado ao DF - Conto tradicional: parte 1)
ROTEIRO	Preparativos para o passeio: ações de encerramento da obrigação (plantação do material orgânico), vestimentas para o ritual (passeio), saída da UTT com um narrador externo explicando o que é, qual a importância e quando se faz o referido passeio. Cena final da terra onde foi plantada a obrigação
	“Continuação do conto tradicional: parte 1 Narrativa em audio enquanto se reproduz a cena do 1 do passeio do coletivo do RS.”
ENTREVISTAS	Nasce o setimo irmao (Obi), crescimento e desenvolvimento de Obi, até que ele aprende a falar e a primeira coisa que diz é: “Onde está meu pai?” Os irmaos mais velhos lembram e saem atrás do pai novamente.
	-

3.

COLETIVO	Distrito Federal
EIXO/CENA/PARTE	Eixo 2
CENA	Germinação somado ao Conto tradicional: Eixo 2
ROTEIRO	Cena inicia-se com a separação das sementes de milho que serão germinadas; reproduz-se, após o plantio, uma animação do pé de milho nascendo, até que se obtém um milharal.
	“Continuação do conto tradicional: parte 1 Narrativa em audio enquanto se reproduz a cena do 1a, 1b, 1c, 1d da germinação”
ENTREVISTAS	Os irmãos encontram os ossos do pai, montam novamente seu corpo com a natureza, o trazem de volta a vida e voltam para a aldeia.
	-

4.

COLETIVO	Rio Grande Do Norte
EIXO/CENA/ PARTE	Parte 01
CENA	Ogum/ Ferramenta de cultivo - PARTE 01- somado ao Conto (Itan)
ROTEIRO	Filmagem do trabalho do manuseio de ferramentas de cultivo, do trabalho de um ferreiro produzindo as ferramentas associando às propriedades de Ogun, bem como de ferramentas em geral empregadas na produção de alimentos utilizados em UTTs. Entre as cenas, entrevista com o Ferreiro. Camera filmando o fogo e a forja, transição para o fogo e o cozimento de alimentos na cozinha da UTT.
	Itan Do RN -“Fez a enxada e o enxadão, a foice e a pá, fez o ancinho, o rastelo, o arado. “Leve isso para o seu povo, Elejibô, e o trabalho na plantação vai ser mais fácil. Vão colher muitos inhames, mais do que agora quando plantam com as mãos”, disse Ogum. E assim foi feito e nunca se plantou tanto inhame e nunca se colheu tanto inhame. E a fome acabou.”
ENTREVISTAS	“Entrevista com o Ferreiro Qual a importância das ferramentas para um melhor desempenho na agricultura e nas atividades do dia-a-dia?”
	-

5.

COLETIVO	Minas Gerais
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 2
CENA	Quilombo urbano - Eixo 2
ROTEIRO	Filmagem da região, vista de cima, aproximando-se do quilombo, entrando nele e chegando até o salão onde haverá a autoridade tradicional Mam’etu Muiande sentada. Serão reproduzidas cenas do dia-a-dia do quilombo, na lógica das atividades tradicionais, seus alimentos, cultivos, acesso dificultado a água. Após, transição para pontos da cidade onde estes quilombolas poderiam acessar água e alimentos para sua atividade tradicional e cortes para a dificuldade disso.
	-
ENTREVISTAS	Entrevista com a Mam’eto Muiande.
	-

6.

COLETIVO	Rio de Janeiro
EIXO/CENA/ PARTE	Cenas de 4 a 6
CENA	Ogum (estrada de ferro)
ROTEIRO	Da mata, é feita uma transição para um trem em movimento, começando pelo barulho até chegar na imagem. A camera paralisa no trem em movimento, se aproxima dos trilhos e então é feita uma transição para o assentamento de Ogum, em detalhes. Após, é feita a filmagem do território de Jair de Ogum (in memoriam), com falas suas ou de seu descendente (Ogan Leo), enquanto a camera “passeia” pelo território. Por fim, se reproduz arquivos históricos da autoridade tradicional enquanto soa uma fala dele sobre seu desejo de ser sepultado em seu território. Deixar um gancho para cena 7.
	-
ENTREVISTAS	-
	-

7.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 2 cena 1 e cena 2
CENA	Passeio – chegada ao mercado - Eixo 2 Cena 1 - História do passeio e história do mercado
ROTEIRO	<p>Todas as pessoas de vestes tradicionais se deslocando a uma das 4 entradas do mercado, enquanto o Babalorixá que conduz o ritual explica por que o mercado. O percurso é uma passagem pelas 4 portas do mercado antes de finalizar aquela parte do passeio no centro dele e sair pela 4. A cada passagem, um fundo de entrevista diferente: primeiro o babalorixa e a importância tradicional do mercado no passeio, segundo o historiador falando sobre a história do mercado, terceiro a entrevista com dois professores falando sobre a história do príncipe Custódio, uma autoridade tradicional de relevância para o mercado.</p> <p>-</p>
ENTREVISTAS	<p>“AUTORIDADE TRADICIONAL- Pontos gerais: O que é o passeio; trajeto; importância tradicional. Pontos específicos: Vestimenta, quem vai e por que vai; percurso/ locais onde se vai e por que se vai; percepção das pessoas de dentro do passeio; alimentação tradicional; comercial (compras no mercado).”</p> <p>“Denis de Odé/HISTORIADOR - Histórica do mercado (visão científica) Pontos específicos: construção (ano/época, quem construiu, quem encomendou, por que e a importância do mercado ao longo dos anos para sociedade).”</p> <p>“Entrevista com historiador (Prof. Vinicius e Prof. Jovani) Príncipe Custódio Pontos Específicos: quem foi, de onde veio, ligações com autoridades da época, ligação com o mercado. ”</p>

8.

COLETIVO	Pará
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 1a e 1b
CENA	Água de Rio + Mercado
ROTEIRO	Embarcação chegando no mercado do veropeso; voz em off do Tata Kinamboji (Arthur Leandro) na radio Exu; Mãe Nalva chegando no mercado para comprar insumos.
	-
ENTREVISTAS	-
	-

9.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 2 cena 3
CENA	Passeio (parte 3) – dentro do mercado - História do Príncipe Custódio e Relato de compras
ROTEIRO	Seguindo o percurso iniciado na parte 2, os personagens passam em uma das bancas, compram algum alimento, grãos, etc, ilustrando também a importância tradicional da comercialização e se dirigem ao centro do mercado onde existe o monumento a Bará no chão.
	-
ENTREVISTAS	-
	Autoridade tradicional falando sobre as compras dos produtos no mercado público

10.

COLETIVO	Distrito Federal
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 3(parte1)
CENA	Banquete em homenagem a Kavungo
ROTEIRO	Preparação de comidas que serão servidas a Kavungo na cozinha da UTT; foco nas mão preparando as comidas, sendo colocadas em alguidares, tapadas com alá. -
ENTREVISTAS	Continuação do conto: o pai retorna a aldeia, é feita uma grande festa com muita comida, ele se lava, se prepara e fica em silencio até o auge do banquete. O pai então discursa que dará a melhor parte da comida para o filho que mais se empenhou em seu retorno. Os irmãos brigam para saber quem é. -

11.

COLETIVO	Minas Gerais
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 3
CENA	Crime ambiental e ataques às UTTs (Varzea das Flores)+ As Águas/ Rio, nascentes
ROTEIRO	Cenas do alto mostrando a geografia do quilombo e os espaços urbanos no entorno. Transição para cenas do dia-a-dia do quilombo, atividades tradicionais com falas da dificuldade do acesso a agua e da desterritorialização a que estão ameaçados pela especulação imobiliária e o plano diretor de Contagem, além do traçado do Rodoanel. -
ENTREVISTAS	Entrevista com autoridade tradicional Babalorixá Everton de Iyemoja. -

12.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 2 cena 4
CENA	Passeio (parte 4) – saindo do mercado - Privatização do Mercado
ROTEIRO	O ritual do passeio segue-se com uma reverencia e preces a Bará no centro do mercado, com os iniciados presenteando com balas e moedas enquanto a autoridade tradicional reza ao Orixá. A cena tem teor alegre, entusiasmado, com o mercado cheio, mas é convertida a uma atmosfera sombria, com o mercado vazio, cinzento, enquanto se reproduz ao fundo a entrevista com um(a) mercadeiro(a) falando sobre a problemática da privatização que paira sobre o mercado e como isso impacta todos ali, inclusive os POTMA.
	-
ENTREVISTAS	“Mercadeira Adriana - Privatização do Mercado Pontos específicos: desde quando querem privatizar, o que ja ta sendo feito, quais os riscos, importância dos povos tradicionais na historia e manutenção do mercado.”
	-

13.

COLETIVO	Pará
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 1c, 1d, 1e, 1f
CENA	Crime ambiental e ataques às UTTs (Brumadinho) + As Águas/ Rio, nascentes
ROTEIRO	A autoridade tradicional Tat’etu Arabomim sentado em sua cadeira em frente à casa de Dandalunda fazendo sua narrativa sobre os impactos gerados pelo crime ambiental de Brumadinho.
	-
ENTREVISTAS	Entrevista com a autoridade tradicional Tat’etu Arabomim sobre os impactos gerados pelo crime ambiental de Brumadinho.
	-

14.

COLETIVO	Minas Gerais
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 1
CENA	Crime ambiental e ataques às UTTs (Brumadinho) + As Águas/ Rio, nascentes
ROTEIRO	A autoridade tradicional Tat'etu Arabomim sentado em sua cadeira em frente à casa de Dandalunda fazendo sua narrativa sobre os impactos gerados pelo crime ambiental de Brumadinho.
	-
ENTREVISTAS	Entrevista com a autoridade tradicional Tat'etu Arabomim sobre os impactos gerados pelo crime ambiental de Brumadinho.
	-

15.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 3
CENA	Agua/ Orla - Eixo 3 - Passeio na orla do Guaíba
ROTEIRO	Os personagens já saíram do mercado e chegaram na orla do rio Guaíba, que banha a cidade. A cena se inicia distante dos personagens e vai se aproximando. Depois, corta pra visão do iniciado diante do rio, jogando flores enquanto a autoridade tradicional fala ao fundo sobre a importância do rio no ritual do passeio.
	-
ENTREVISTAS	Autoridade tradicional falando sobre água e a importância tradicional da visita ao rio.
	-

16.

COLETIVO	Rio Grande Do Norte
EIXO/CENA/ PARTE	Parte 03*
CENA	“SUSTENTABILIDADE DA VIDA HUMANA: CORPO E ESPIRITUALIDADE - DIÁLOGOS”
ROTEIRO	Diálogo com Iyá Luciene sobre a soberania alimentar, o que o alimenta é para os POTMAs e qual sua importância.* -
ENTREVISTAS	Entrevista com Iyá Luciene sobre a soberania alimentar, o que o alimenta é para os POTMAs e qual sua importância.* -

17.

COLETIVO	Rio de Janeiro
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 7 e 8
CENA	Axexê
ROTEIRO	Por fim, se reproduz arquivos históricos da autoridade tradicional enquanto soa uma fala dele sobre seu desejo de ser sepultado em seu território. Continuando o passeio pela UTT, ele culmina na cozinha, onde estão sendo preparados os alimentos do ritual do Axexe. Ogan Kotoquinho fala sobre eles e a Iya responsável pelo ritual como um todo explica o que é o ritual. Cena se alterna entre espaço aberto e closes nas mãos e nas comidas. -
ENTREVISTAS	Final do conto: após os filhos argumentarem, o pai presenteia o filho mais novo, criança, pois foi o único que lembrou dele quando ninguém mais lembrava. -

18.

COLETIVO	Rio Grande Do Norte
EIXO/CENA/ PARTE	Parte 4*
CENA	A SOBERANIA ALIMENTAR - DE DENTRO PARA FORA
ROTEIRO	Cenas demonstrando os percursos do alimento, do cultivo ao meio externo, ambientes do entorno das UTTS. Dizer os lugares e descrever personagens possíveis na prática do consumo dos alimentos orgânicos*
	-
ENTREVISTAS	-
	-

19.

COLETIVO	Rio Grande do Sul
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 4
CENA	Chegada à UTT - visita a UTT e retorno a UTT
ROTEIRO	Os personagens chegam a uma UTT de um amigo e/ou familiar. Todos carregam compras, adquiridas no mercado que visitaram. Enquanto se reproduzem cenas do consumo dos alimentos, ao fundo a autoridade tradicional discorre sobre a importância de compartilhar a alimentação. Neste momento, cenas dos POTMA em ações solidárias dessa natureza são reproduzidas. Ao final, os personagens se despedem e o passeio se encerra com todos retornando à UTT de onde saíram, isto é, do seu babalorixa, reverenciando seus Orixás e a ancestralidade dele.
ENTREVISTAS	Entrevista com autoridade tradicional explicando a importância do compartilhamento de alimentos.

20.

COLETIVO	Distrito Federal
EIXO/CENA/ PARTE	Eixo 3 (parte 2)
CENA	Banquete a Kavungo (parte 2 – servindo + Ataque às UTTS)
ROTEIRO	Comidas de Kavungo sendo levadas a um espaço com vegetação serrada, depositadas sobre uma esteira e destapadas. Enquanto soa cantigas de kavungo, ocorre uma transição para cenas de UTTS queimadas/destruídas alternando com dança de Matamba e Kavungo.
	-
ENTREVISTAS	-
	-

21.

COLETIVO	Rio Grande do Norte
EIXO/CENA/ PARTE	Parte 5
CENA	Desfecho
ROTEIRO	“Clipping de imagens dentro e fora das UTTS que dialoguem com todos os momentos anteriores. Preservação e manutenção dos alimentos. UTTS que são munidas de plantas em seus espaços.”
	-
ENTREVISTAS	-
	-

22.

COLETIVO	Pará/Rio de Janeiro
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 1g PA
CENA	PA - embarcação saindo do veropeso
ROTEIRO	Filmagem do fim de tarde, Tata Kinamboji encerra a transmissão da radio Exu (buscar falas q revalidem a importancia do mercado p tradição) embarcações saem do veropeso, a noite cai, fim.
	Alterna com a cena do RJ com a do PA
ENTREVISTAS	-
	-

23.

COLETIVO	Rio de janeiro
EIXO/CENA/ PARTE	Cena 9 RJ
CENA	RJ - :: Atabaque / O despertar dos ancestrais
ROTEIRO	Na mata com o atabaque soando e o ogan solitario, até que a camera se aproxima, o ogan se distancia do atabaque e o instrumento fica sozinho na mata com os ancestrais.
	Alterna com a cena do RJ com a do PA
ENTREVISTAS	-
	-

Após esse encontro, deu-se início à pré-produção do filme e cada coletivo centrou forças na produção das imagens até fevereiro de 2022. Em março e abril deu-se início à pós-produção do filme, edição e montagem, dessa primeira experiência de produção de um filme-documentário de modo totalmente colaborativo, realizada pelas organizações envolvidas. Aqui buscou-se conjugar forma e conteúdo, de modo a fazer jus ao próprio pensamento e cosmologia dos povos tradicionais de matriz africana, segundo o qual “uma árvore não faz floresta”, e assim, o ser só existe enquanto parte do meio e de suas irmãs e irmãos. Salve os povos tradicionais de matriz africana! Axé!

3.1 – Relatorias gráfico-imagética por Lorena Portela e Gabriel Gabiru



4º Encontro para Roteirização Sensível Co-labor-ativa
Lorena Portela



4ª Oficina para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa –
Parte 1 – PA, RJ, RS
Gabriel Gabiru



4ª Oficina para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa –
Parte 2 – DF, MG, RN
Gabriel Gabiru



5ª Oficina de Roteirização Final
Gabriel Gabiru



6ª Oficina de Roteirização Final
Gabriel Gabiru



7ª Oficina de Consolidação do Roteiro Final
Gabriel Gaboru

3.2 – Relatorias poético-musicais por Janaína Nascimento

4º Encontro para Roteirização Sensível Co-labor-ativa

Co-labor-ativo

Processo sensível

Que ativa os sentidos

Na construção de narrativas

Nos remetendo aos saberes

Que nossos ancestrais

Trouxeram do continente de origem.

Bantos, Jejes e Nagôs

Sobrevivendo a diáspora

Com sangue nos olhos

E estratégias

Reverenciando o Alimento,
A água, a terra e o fogo
Recriando novas formas
De entender e vivenciar
A família e o sagrado.
Tradição oral
Que germinou
Semente que se multiplicou
Através da existência de
Quem percorreu um caminho
De espinhos e dor,
Mas, deixou flores para posteridade.
Acha que acabou?
O ano é 2021
Seguimos aguerridos nas lutas sociais
Contra-atacando com narrativas
Anticapitalistas,
Antirracistas e antipatriarcais.
Invasões de Unidades Tradicionais
Desrespeito ao nosso sagrado
Brumadinho e Mariana
Mineração desenfreada
Querem privatizar nosso Mercado.
O que diriam nossas ancestrais
Ganhadeiras que nos ensinaram

As estratégias do comércio
E das trocas justas
Pedagogia de encruza
Que energiza espírito e corpo.
O que diria o Príncipe Custódio
Referência cultural e religiosa
Vindo do Benim
Reestruturou nossas tradições
E assentou o Bará do mercado.
Piada de péssimo gosto
Discriminar, criminalizar e
Violentar a fé e a
Tradição que alimenta
E não violenta.
Queremos vestir
Nosso branco
Socializar em torno
Do alimento sagrado
Queremos re-paração
O Direito de nascer, morrer
E (re) nascer entre os nossos.

4ª Oficina para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa

Parte 2 – DF, MG, RN

“Quem beira rio, beira rio, beira mar

O que se ganha de Ogum,
Só Ogum pode tirar “...
Corpos negros,
Corpos sagrados
Carregados de Ancestralidade
Realizando a grande travessia da Kalunga
Criando laços e dividindo suas dores
E memórias com seus Malungos.
Carregando em seu Ori
A energia potente
Dos Orixás, Voduns e Nkises
Trazendo conhecimentos das
Ervas, da agricultura
E da medicina tradicional.
Respeitando, reverenciando os
Elementos biomíticos em uma
Cosmovisão onde a ciência e
A espiritualidade caminham juntas.

Através das águas do Atlântico
Vieram o Axé, a Sabedoria,
As estratégias e habilidades
De Ogum com a Forja, fundamentais
Na construção das ferramentas
Que trazem agilidade e fartura

Para as colheitas.

Os trilhos dos trens, as estradas
De ferro espalhadas aos
Quatro cantos, também
Emanam essa energia.
Quilombos seguem existindo
Em meio a centros urbanos
Resistindo aos conflitos socioambientais
Que impactam na água,
O primeiro alimento,
Essencial às nossas ritualísticas.
Povos tradicionais ainda
Enfrentam os efeitos
Devastadores em Brumadinho
E o traçado do Rodoanel
Pode exterminar o
O Manancial da diversidade,
Várzea das flores.

Agosto chegou,
Silêncio! O Senhor
Está na terra
Todo rei merece um banquete
Teremos Olubajé, Atotô!

Vamos estourar pipocas
Para o sol em forma de orixá
E humildemente pedir respostas
Para a Pandemia e as mazelas
Que nos assolam.

5ª Oficina de Roteirização Final

Seguiremos

Água Elemento primordial
Para geração e manutenção da vida
Água, Elemento de ligação
Caminho para as tradições
Que vieram de além mar.

Enquanto o capitalismo
Nega a terra
Nos segrega, cerceia
A nossa autonomia
A gente reza
Reza e quina ervas,
Como forma de proteção e sobrevivência.

Enquanto a cultura hegemônica
Menospreza os nossos saberes ancestrais

Pipocas estouram
Abrindo caminhos
Promovendo limpeza espiritual
E a cura do nosso corpo,
Território sagrado.

Enquanto tentam privatizar
Bens coletivos
Andamos pelo mercado de Axó
Tocamos nossos tambores
E apresentamos nossos iniciados.
Enquanto a exploração e o consumo
Desenfreado esgotam recursos
Compreendemos a produção,
Compartilhamento e consumo
De alimentos saudáveis
Como função coletiva.

As sementes seguirão germinando
Nossas memórias e tradições
Não serão apagadas
A sabedoria e a força de Ogum
Serão caminhos nessa jornada
Para seguirmos celebrando Palmares
Multiplicando a colheita de inhames

E vivendo em comunidade.

6ª Oficina de Roteirização Final

Pedagogia de Encruzilhada

Imagens que saltam

Ideias que surgem

Repletas de significados

Conexões com a espiritualidade

E o mundo da criação.

Técnicas e sabedoria

Inspirações do dia a dia

Contrapondo o ideário hegemônico

Trazendo nossas histórias e tradições

A partir das nossas próprias narrativas.

Construção coletiva

Tal qual era no continente de origem

Alicerce em que os valores civilizatórios

Afro-brasileiros foram perpetuados,

Como forma de sobrevivência,

Em meio aos horrores da travessia.

Águas Sagradas de Yemanjá,

Dandalunda e Aziri

Tecnologias de Ogum
Barro primordial moldado por Nanã
Kaavungo, a cura, a terra e seus mistérios
Nossa intuição se dá através da
Ancestralidade soprando
Em nossos ouvidos.

Nosso corpo- território
Carrega uma noção de
Tempo- espaço espiralada
Pedagogia de encruzilhada
É Exu em movimento
Ao longo do processo criativo
Trazendo o poder organizador do caos.

7ª Oficina de Consolidação do Roteiro Final

Existimos!

Oxalá nos guia
Nos cobre com seu Alá
Nos traz tranquilidade e sabedoria
Para realizar construções
Belas e coletivas
Para buscar a compreensão dessa
Sociedade com valores tão distorcidos

Pelo ódio, pelos preconceitos,
Pelas desigualdades e pelo capitalismo.

Iroko e seus mistérios
Primeira árvore plantada
Comandante de todas as árvores sagradas
Representação da dimensão Tempo
Nos acompanha e inspira em
Nossas ações e decisões importantes.
Depois de dias frios e chuvosos
Os dias ensolarados vêm
Todos igualmente necessários
A natureza e suas forças são perfeitas
São parte da nossa existência
Fortalecendo nossa caminhada no Ayê.

Os recursos naturais não são inesgotáveis
POTMAS, Povos Pindorâmicos,
Populações Ribeirinhas e Quilombolas
Conhecem esse fato
Diálogos interculturais são necessários
Contar nossas histórias através das nossas
Próprias narrativas nos tira da invisibilidade.

Tentam nos silenciar desde sempre

Tentam nos violentar e adoecer
Através da falta de qualidade
E escassez de alimentos
Tentam apagar nossas memórias
Desde o tempo que nossos ancestrais
Passavam pelo “portal de não retorno”.

Sobrevivemos a essa estrutura esmagadora
As tradições resistem contrapondo
Às heranças escravagistas
A essa visão dicotômica da vida,
Que definitivamente não nos pertence.

Existimos!

Seguimos nascendo, vivendo, lutando,
Morrendo e renascendo entre os nossos,
Educando nossas crianças
Através das nossas perspectivas,
Repensando nossas decisões individuais
Que afetam no coletivo, ouvindo nossos
Mais velhos, celebrando os nossos.
Ancestrais, realizando o último ebó
E devolvendo seus corpos para Mãe Terra.

4. DOCUMENTÁRIO

Segue abaixo o link e o QRCODE para acesso ao documentário:
O alimento de diversos mundos: um diálogo entre os povos tradicionais
de matriz africana e a saúde coletiva.



<https://youtu.be/jN5oV-XwAqQ>

ANEXO 1: Lista de Encontro e Oficinas

1º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa – 16/04/2021

Tema: Saberes Ancestrais e Diálogos Interculturais

1ª Oficina de Reconhecimento e Troca – 30/04/2021

Tema: Oralidade e Documentários nas Lutas Sociais

2º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa – 17/05/2021

Tema: Racismos

2ª Oficina de Introdução ao Documentário e sua Discussão Estética

- 31/05/2021

3º Encontro de Criação Co-Labor-Ativa - 11/06/2021

Tema: Alimento

3ª Oficina de Pré-Roteirização Co-Labor-Ativa - 25/06/2021

4º Encontro Para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa –

09/07/2021

4ª Oficina Para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa –

Parte 1 – PA, RJ, RS - 30/07/2021

4ª Oficina para Roteirização Sensível Co-Labor-Ativa –

Parte 2 – DF, MG, RN - 06/08/2021

5ª Oficina de Roteirização Final – 17/09/2021

6ª Oficina de Roteirização Final – 1º/10/2021

7ª Oficina de Consolidação do Roteiro Final - 08/10/2021

8ª Oficina de Planejamento e pré-produção

15/10/21

9º Oficina de Filmagem Co-Labor-Ativa
22/10 /21

10º Oficina de Filmagem Co-Labor-Ativa
29/10 /21

11ª Oficina de Orientação para decupagem
05/11 /21

12ª Encontro de entrega de material e decupagem
12 /11 /21

13ª Oficina de Finalização: entrega de material e Decupagem
26/11 /21

14º Encontro de avaliação entre coordenações Fonsanpotma &
Neepe
3/12 /21

15º Encontro para apresentação de versão finalizada do filme e
avaliação da pesquisa
11/02/22

